



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UNAGEO  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ANGELA MARIA DE LIMA DA SILVA

**A MÍDIA IMPRESSA (“O JORNAL MURAL”) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM  
ESTUDO DE CASO NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA E.E.E.F.  
SANTA MARIA GORETE**

CAJAZEIRAS/PB  
2016

**ANGELA MARIA DE LIMA DA SILVA**

**A MÍDIA IMPRESSA (“O JORNAL MURAL”) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA E.E.E.F. SANTA MARIA GORETE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras-PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

**Orientador(a):** Prof. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves

**Linha de Pesquisa:** Ensino de Geografia

**CAJAZEIRAS/PB  
2016**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096  
Cajazeiras - Paraíba

S586m Silva, Angela Maria de Lima da  
A mídia impressa (“O Jornal Mural”) no ensino de geografia: um estudo de caso no 8º ano do ensino fundamental II da E.E.E.F. Santa Maria Gorete / Angela Maria de Lima da Silva. - Cajazeiras, 2016.  
81f.: il.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Cícera Cecília Esmeraldo Alves.  
Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/CFP, 2016.

1. Ensino de Geografia - recursos midiáticos. 2. Jornal impresso. 3. Metodologia do ensino - uso do jornal impresso. 4. Geografia - ensino fundamental. 5. Mídia. I. Alves, Cícera Cecília Esmeraldo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 91:070.1

**ANGELA MARIA DE LIMA DA SILVA**

**A MÍDIA IMPRESSA (“O JORNAL MURAL”) NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UM ESTUDO DE CASO NO 8º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II DA E.E.E.F. SANTA MARIA GORETE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras- PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Cícera Cecilia Esmeraldo Alves (Orientadora)  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

---

Professora Ms. Maria da Glória Vieira Anselmo (Examinador 1)  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

---

Professor Dr. Santiago Andrade Vasconcelos (Examinador 2)  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

A meu marido pelo apoio, incentivo e compreensão ao longo de toda minha trajetória acadêmica, e aos meus pais que com tanto esforço e dedicação me conduziram pelo caminho do bem e me ensinaram a lutar pelos meus sonhos, á vocês que tanto amo.

**Dedico**

## AGRADECIMENTOS

À Deus todo poderoso, criador de todas as coisas, pela força e coragem que me deste todos os dias de minha vida, para enfrentar todas as adversidades, me conduzindo pelo caminho do bem, guiando meus passos e permitindo que eu alcançasse tantas bênçãos e realizações.

A minha família em especial meus pais Maria de Fátima (Socorro) e Francisco José (Chico), que sempre zelaram pela minha educação, me ensinaram a ter princípios e valores, e em meio a tantas dificuldades financeiras impostas pela vida, sempre me deram o melhor que podiam, me fizeram uma pessoa digna e de caráter.

Ao meu marido meu B como carinhosamente o chamo, por todo apoio, incentivo que me destes sempre cuidando de mim com muito zelo e amor, nos momentos mais difíceis fostes meu porto seguro, não permitindo que eu desistisse jamais, te amo muito.

A minha orientadora Cícera Cecília Esmeraldo Alves, pelas contribuições que me destes, tornando possível o desenvolvimento desse trabalho, pela grande educadora que és sempre tão humilde, conquistou minha confiança e admiração, por isso deleguei a você essa função e agradeço sinceramente por ter aceitado, quero expressar minha gratidão e admiração por você tanto como profissional quanto como pessoa tem todo meu respeito.

Ao meu amigo e professor Aldo Gonçalves de Oliveira por todo carinho que teve comigo ao longo do tempo que convivemos, por ter acreditado em meu potencial e ter me incentivado no momento que mais precisei na minha vida acadêmica, não posso esquecer também sua contribuição para a escolha do tema desse trabalho, saiba que você teve um papel fundamental na minha formação acadêmica, tenho um enorme carinho e admiração por você.

Agradeço as minhas amigas Leia Andrade, Silvana Quaresma, Elisiane Leite, Alessandra (Moninha) e Gleidilene minha querida Leninha pela parceria, pelos momentos felizes que vivemos juntas, amo todas vocês, a você Leninha agradeço de forma especial por tantas vezes que me ajudastes nos trabalhos acadêmicos, pelos conselhos nos assuntos pessoais e pela força e apoio nos momentos difíceis, essa conquista em parte devo a você.

A todos os colegas da turma de Geografia 2010.1, pelas experiências que vivenciamos as quais foram muito marcantes, sentirei saudade de vocês.

Por fim agradeço de forma especial aos alunos do 8º ano “C” do ano 2015 da E.E.E.F. Santa Maria Gorete pelas contribuições que me deste para o desenvolvimento desse trabalho e a todos os funcionários da escola e de forma especial ao secretario o senhor Elidinaldo Gabriel Tavares pelo acolhimento que teve comigo sempre muito prestativo.

Aos professores que fizeram parte da banca examinadora: Ms. Maria da Glória Vieira Anselmo e Dr. Santiago Andrade Vasconcelos, por aceitar o convite.

Enfim a todos que contribuíram de alguma forma na minha trajetória acadêmica o meu muito obrigado.

Um ser Humano sem história é um livro sem letras, uma foto sem imagem, um rio sem nascente. Com lágrimas ou júbilo, acertos ou falhas, nossa história é um tesouro insubstituível...

Augusto Cury



## **LISTA DE SIGLAS**

**E.E.E.F.** – Escola Estadual de Ensino Fundamental

**PPP** - Projetos Político Pedagógico

**LD** - Livro Didático

**PNLD** - Programa Nacional do Livro Didático

**MEC** - Ministério da Educação

**PCN's** - Parâmetros Curriculares Nacionais

**CNLD** - Comissão Nacional do Livro Didático

**USAID** - Agência Norte Americana para Desenvolvimento Internacional

**COLTED** - Comissão do Livro Técnico e Livro Didático

**INL** - Instituto Nacional do Livro

**FNDE** - Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

**PLID** - Programa do Livro Didático

**FENAME** - Fundação Nacional de Materiais Escolar

**FAE** - Fundação de Assistência ao Estudante

**PLIDEF** - Programa do Livro Didático - Ensino Fundamental

**PLIDEM** - Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio

**PLIDESU** - Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Supletivo

**BB**- Banco do Brasil

**DVD** - Disco Versátil Digital

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1</b> - Número de Páginas do Livro Didático Analisado .....	45
---	----

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico: 01-</b> Já leu algum jornal? .....	55
<b>Gráfico: 02-</b> O jornal impresso já foi utilizado nas aulas de Geografia ou de outras disciplinas? .....	56
<b>Gráfico: 03-</b> Disciplinas que já trabalharam com o uso do jornal. ....	57
<b>Gráfico: 04-</b> Recurso de ensino mais utilizado nas aulas de Geografia. ....	57
<b>Gráfico: 05-</b> Recursos midiáticos mais utilizados pelos professores em sala de aula. ....	58
<b>Gráfico: 06-</b> Opinião com respeito ao jornal impresso. ....	67
<b>Gráfico: 07-</b> Gostaria de trabalhar com o jornal nas aulas de Geografia?.....	67

## LISTA DE IMAGENS

<b>Imagem: 01</b> - Apresentação de vídeo sobre a história do jornal impresso, em Outubro de 2015. ....	59
<b>Imagem: 02</b> - Discussão sobre a evolução das mídias com destaque para o jornal impresso, em outubro de 2015. ....	59
<b>Imagem: 03</b> - Alunos do 8º “c” realizando leitura de jornais, em Novembro de 2015 .....	59
<b>Imagem: 04</b> - Alunos do 8º “c” realizando leitura de jornais, em Novembro de 2015. ....	59
<b>Imagem: 05</b> - Alunos analisando e elencando características e diferenças entre o LD e o jornal, em novembro de 2015 .....	60
<b>Imagem: 06</b> - Alunos analisando e elencando características e diferenças entre o LD e o jornal, em novembro de 2015. ....	60
<b>Imagem: 07</b> - Alunos realizando a produção do mural, em Novembro de 2015. ....	62
<b>Imagem: 08</b> - Alunos realizando a produção do mural, em Novembro de 2015. ....	62
<b>Imagem: 09</b> - Produção das notícias para o jornal mural, em Novembro de 2015. ....	69
<b>Imagem: 10</b> - Produção das notícias para o jornal mural, em Novembro de 2015. ....	64
<b>Imagem: 11</b> - Alunos apresentando as notícias que os mesmos produziram, em Dezembro de 2015. ....	64
<b>Imagem: 12</b> - Alunos apresentando as notícias que os mesmos produziram, em Dezembro de 2015. ....	64
<b>Imagem: 13</b> - Finalização e exposição do jornal mural, em Dezembro de 2015. ....	68

## LISTA DE QUADRO

<b>Quadro 1 - O Entendimento dos Alunos Sobre Mídia .....</b>	<b>54</b>
---	-----------

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo analisar as possibilidades de utilização das informações presentes no jornal impresso, como referência metodológica para a construção do conhecimento geográfico na sala de aula. A mesma discute a importância dos recursos midiáticos, sua influência na sala de aula e suas possibilidades, buscando entender o processo de incorporação e utilização no ensino de Geografia, pois desde a construção da notícia até a chegada da mesma ao receptor, ela sofre influências de várias mediações, onde cada mediador utiliza suas próprias visões de mundo, logo é a mediação do professor, responsável pela construção do conhecimento a partir de um interdiscurso com a linguagem presente na mídia que irá contribuir para construção do conhecimento. A análise aqui empreendida se deu através da aplicação de questionários, bem como relatos da experiência do “jornal mural” desenvolvidos com os alunos do 8º ano “C” da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Maria Gorete, localizada em São José de Piranhas-PB, e os resultados obtidos por meio dessa prática pedagógica. Dialogando com os resultados podemos perceber que sendo o processo de ensino aprendizagem algo dinâmico que está em constantes mudanças faz-se necessário a ele incorporar novos recursos, a inserção do jornal impresso nas aulas de geografia possibilita aproximar os alunos da realidade na qual fazem parte e auxilia-los no entendimento da produção do espaço em suas diferentes escalas, promovendo a construção de conhecimentos geográficos.

**Palavras-chave:** Mídia, Jornal impresso, Ensino de Geografia

## ABSTRACT

This monograph aims to analyze the possibilities of using the information in the printed newspaper as a methodological reference for the construction of geographical knowledge in the classroom. The same discussed the importance of media resources, its influence in the classroom and its possibilities, trying to understand the process of incorporation and use in the teaching of geography, because since the construction of the news until the arrival of the same to the receiver, it is influenced by several mediations, each agent uses its own views of the world, however it is the mediation of the teacher responsible for the construction of knowledge from a interdiscourse with this language in the media. This analysis undertaken was done through the use of questionnaires and reports the experience of the "wall newspaper" developed with the students of 8th grade "C" of the State Elementary School Santa Maria Gorete, located in São José de Piranhas-PB and the results obtained through this educational practice. Dialoguing with the results we can see that being the process of teaching learning something dynamic that is constantly changing it is necessary to him incorporate new features, the insertion of the printed newspaper in geography classes enables there is an approach students of reality in which they are part and assists them in understanding the production of space on different scales, promoting the construction of geographical knowledge.

**Key-words:** Media, printed newspaper, Geography Teaching.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1 ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA DIMENSÃO MUDIÁTICA NA SOCIEDADE: A COMPREENSÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL.....</b>	<b>19</b>
1.1 O fenômeno da comunicação social: uma breve apresentação do processo de evolução das mídias. ....	23
1.2 A dimensão midiática no ensino de geografia: algumas considerações.....	27
<b>2 O LIVRO DIDÁTICO EM DESTAQUE: BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA NOS ÚLTIMOS ANOS NO BRASIL.....</b>	<b>33</b>
2.1 O livro didático no ensino de geografia: Algumas considerações .....	37
2.2. Um olhar sobre os conteúdos do livro didático do 8º ano .....	42
<b>3 COMO INTRODUIZIR O “JORNAL MURAL” NA METODOLOGIA GEOGRÁFICA?.....</b>	<b>48</b>
3.1 Construindo o jornal mural no espaço da sala de aula em Geografia.....	51
3.2 A contribuição da mídia impressa (“O jornal mural”) para o processo de ensino e aprendizagem geográfico. ....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>77</b>



## INTRODUÇÃO

Refletindo sobre a sociedade atual entendemos que a mesma é dinâmica e encontra-se inserida em um contexto de sucessivas mudanças, o sistema econômico do qual fazemos parte e o processo de globalização, ocasionaram uma grande revolução social, econômica e tecnocientífica na esfera global, estes acontecimentos foram responsáveis pela evolução dos meios de comunicação em massa e sua respectiva inserção no cotidiano social, o que nos remete a pensar sobre a utilização de novos recursos de ensino e são justamente as novas propostas metodológicas no ensino de Geografia, aliados ao uso de recursos midiáticos que se busca discutir ao longo desse trabalho.

Considerando que a disciplina geográfica vem sofrendo uma desvalorização desde o período da ditadura militar e tais resquícios prevalecem até a atualidade, quando a mesma é “taxada” como mnemônica, voltada para decorar coisas, fatos e fenômenos, sejam naturais ou sociais. Atrelados a isso ainda temos a modernização dos meios de comunicação, sua expansão tecnológica e conseqüentemente a inserção desses elementos no cotidiano social, torna-se necessário a modificação do método de ensino-aprendizagem, de forma que o mesmo acompanhe o processo evolutivo enquadrando-se nas novas exigências postas pela sociedade.

Considerando a problemática apresentada a mesma tem motivado alguns questionamentos a respeito dos recursos midiáticos no ensino de Geografia: Qual a relação da mídia com a disciplina geográfica? Qual a importância da mídia no contexto atual? Como as informações veiculadas no fenômeno midiático do jornal impresso podem servir de objeto metodológico no trabalho do professor de Geografia? É possível definir uma prática pedagógica inovadora, utilizando-se dos recursos midiáticos existentes na atualidade? Como as informações presentes no jornal impresso podem ser transformadas em conhecimento geográfico? Questões como essas permitem refletir sobre os recursos midiáticos e sua contribuição de forma significativa para as aulas de Geografia, considerando que a educação de qualidade é aquela que tem como objetivo despertar a consciência crítica e cidadã do educando, preparando-o para interagir e sobressair-se em meio às questões presentes no cotidiano.

Nesse sentido, esse leque de variáveis nos possibilitou desenvolver esse trabalho monográfico, intitulado: **A mídia impressa (“O jornal Mural”) no ensino de Geografia: Um estudo de caso no 8º ano do Ensino Fundamental II da E.E.E.F. Santa Maria Gorete**, com o objetivo de Analisar as possibilidades de utilização das informações presentes no jornal impresso, como referência metodológica para a construção do conhecimento

geográfico na sala de aula. Para contemplar o objetivo principal instituímos como objetivos específicos: Refletir a dimensão midiática da sociedade, especialmente seu potencial para veiculação de informações de cunho geográfico; Compreender a mídia como um possível recurso a ser utilizado na sala de aula de Geografia; Indicar as diferentes abordagens do jornal impresso nas aulas de Geografia no ensino fundamental; Apresentar a importância das informações jornalísticas na formação cultural e cidadã dos alunos.

Elegemos como sujeitos partícipes da pesquisa: Os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Maria Gorete localizada na Cidade de São José de Piranhas- PB.

Para a realização desse trabalho empregamos a pesquisa participativa por estarmos inseridos como parte integrante no desenvolvimento das atividades de intervenção, produção do jornal mural na referida escola. Pensando esse contexto, todo o trabalho será realizado através de uma pesquisa bibliográfica que se deu inicialmente a partir do levantamento de materiais acerca da temática, principalmente em livros, artigos científicos, dissertação, trabalhos acadêmicos de autores que deram suas contribuições para o conhecimento e discussão do objeto de pesquisa proposto, esse levantamento bibliográfico servirá de embasamento teórico do tema em destaque.

Dentre os autores utilizados para a fundamentação bibliográfica podemos citar: Freire (2002) Pavini (2002), Callai (2003), Pinheiro et al. (2004), Leão; Leão (2008), Pontuschka et al (2009), Castellar; Vilhena (2010), Kimura (2011), Bordenave (2013), Faria (2013), Guimarães (2013), Martin-Barbero (2014), tais autores trouxeram suas contribuições significativas para esta discussão, por abordarem as temáticas, o ensino de Geografia, a comunicação na educação, o jornal na sala de aula entre outras.

Desenvolvemos questionários para coleta de dados junto aos sujeitos da pesquisa. O questionário aplicado aos alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II, continha 16 questões as quais contemplavam tanto questões objetivas quanto subjetivas, com o objetivo de expor o ponto de vista dos mesmos sobre a utilização dos recursos midiáticos em sala de aula e sua respectiva importância para o ensino de Geografia, bem como a percepção dos alunos em relação ao uso das ferramentas midiáticas e de forma específica o jornal impresso dentro e fora do espaço escolar.

A investigação ainda utilizou-se também de análise sistemática de notícias de jornais, identificando como as informações de cunho geográfico são apresentadas nos mesmos, e qual a importância dessas informações jornalísticas na formação cultural e cidadã dos alunos. A

partir disso, empreenderemos uma análise do caráter geográfico das notícias veiculadas nesse instrumento de comunicação.

Tendo como referência a necessidade de apresentar as contribuições dessa mídia ao ensino de geografia, relataremos também a experiência do “jornal mural” com os alunos da E.E.E.F Santa Maria Gorete, localizada na cidade de São José de Piranhas-PB. Nessa experiência os alunos produzem um jornal com notícias da região, onde o desenvolvimento dessa prática permite o professor ampliar as estratégias de ensino e aprendizagem, especialmente aquelas relativas a construção de competências ligadas a comunicação, representação, escrita e articulação de ideias. Toda a análise e os resultados obtidos por meio dessa ação estão apresentados por meio de relatos.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, além da introdução e considerações. No primeiro capítulo discutimos sobre a compreensão da comunicação social destacando a importância da comunicação para a humanidade, ressaltamos também o processo de construção do fenômeno midiático e a evolução de suas ferramentas ao longo dos tempos, enfatizando que a sociedade contemporânea caracteriza-se cada dia mais como a sociedade da informação.

O segundo capítulo diz respeito ao LD trazendo um breve histórico de sua trajetória nos últimos anos no Brasil, destacando as políticas públicas em torno do mesmo e seu papel relevante dentro da escola, o mesmo ainda apresenta uma análise dos conteúdos programáticos do LD de Geografia do 8º ano do ensino fundamental II, destaca ainda a importância do educador não prender-se ao LD, mas sim buscar novos recursos de ensino que proporcione a construção de conhecimentos.

No terceiro e último capítulo refletimos sobre a necessidade de introdução de novos recursos de ensino que permitam aos alunos enxergar a disciplina Geografia com um olhar mais atraente e interessado, traz o resultado de uma análise realizada com os alunos do 8º ano da E.E.E.F. Santa Maria Gorete, e também da experiência de produção do jornal mural, com o intuito de ressaltar as contribuições da mídia impressa para o processo de ensino aprendizagem nas aulas de Geografia.

Nesse contexto, procuramos ponderar sobre tudo o que foi discutido, abrindo oportunidade para novas discussões buscando contribuir para a introdução de recursos midiáticos no ensino de Geografia. Dessa forma, esperamos que essa pesquisa tenha alcançado os objetivos propostos possibilitando o desenvolvimento de uma reflexão crítica da temática apresentada.

## **1 ALGUMAS IMPLICAÇÕES DA DIMENSÃO MIDIÁTICA NA SOCIEDADE: A COMPREENSÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL**

Considerando que a sociedade só faz história por meio do acúmulo de informações e experiências ao longo de sua vivência, é perceptível que a linguagem e a comunicação em si, possuem um papel fundamental no desenvolvimento da sociedade, por possibilitar ou disponibilizar para nações, as experiências vivenciadas por outras. “A comunicação é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam uma significação dos significados” (FREIRE, 1996. p. 69).

A comunicação é o fenômeno de desenvolvimento da linguagem, um dos fenômenos mais importantes para tornar possível a socialização, cujos limites são inimagináveis. Martín-Barbero (2014) propõe a comunicação como um processo compartilhado e “mediado pelos meios”, e não somente determinado por eles.

Partindo do princípio da origem da comunicação humana é possível destacar que não se sabe ao certo qual foi realmente a forma pela qual os homens primitivos comunicaram-se pela primeira vez, existem várias afirmativas, no entanto nenhuma comprovação. Para alguns os primeiros sons emitidos pelo homem estavam relacionados aos sons da natureza, ou melhor, uma imitação dos sons de certos animais, para outros esses sons eram oriundos de exclamações como expressões de dor “ai”, de admiração “ah”, ou até mesmo por meio de grunhido ou gritos, e ainda há quem defenda a ideia que essa comunicação inicial acontecia através de sons emitidos pelos pés ou pelas mãos e não somente pela boca.

Independente de qual tenha sido a forma inicial pela qual os homens conseguiram comunicar-se, o que a história confirma é que os mesmos com o passar do tempo conseguiram desenvolver formas de associar diferentes gestos e sons para designar certas ações ou objetos, e esse acontecimento possibilitou a origem do signo.

Conforme nos fala Bordenave (2013, p. 24):

Assim nasceram o signo, isto é, qualquer coisa que faz referência a outra coisa ou ideia, e a significação, que consiste no uso social dos signos. A atribuição de significados a determinados signos é precisamente a base da comunicação em geral e da linguagem em particular.

A criação dos signos foi relevante para a criação da linguagem, uma vez que, por meio da diversidade de signos que foram sendo criados e a necessidade de regras para combiná-los de forma a tornar possível a unificação de seus significados, permitindo, a comunicação entre

as pessoas, é que subsidiou a origem da linguagem, tendo em vista que, se cada pessoa combinasse seus signos ao seu modo dificilmente haveria uma comunicação.

Segundo Bordenave (2013) o que deu origem a linguagem foi à invenção dos signos e sua organização, combinando entre si tornando possível a comunicação, quando o mesmo se refere a linguagem certamente faz referência a linguagem verbal (oral ou escrita) a qual é uma linguagem estruturada, organizada e diferente da linguagem em sua forma “genérica” inicial, relacionada a emissão de sons, grunhidos que expressavam sensações sentidas pelos mesmos.

Sendo a comunicação entre os sujeitos estabelecidas por meio da compreensão com relação à significação dos signos Freire (2011, p. 89) destaca que:

É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um quadro significativo comum ao outro sujeito. Se não há este acordo em torno dos signos como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação.

Ainda nesse sentido Freire (2011, p. 95) ressalta:

A compreensão significante dos signos, por sua vez, exige que os sujeitos da comunicação sejam capazes de reconstruir e si mesmos, de certo modo, o processo dinâmico em que se constitui a convicção expressa por ambos através dos signos linguísticos.

Evidentemente os homens primitivos não tinham ideia da dimensão, ou melhor, da grande importância da criação da linguagem. De acordo com Marx (1996, apud ASSENCIO, 2007, p. 82) “A linguagem é tão antiga quanto a consciência- a linguagem é a consciência real, prática, que existe para mim mesmo; e a linguagem nasce como a consciência da carência, da necessidade de intercâmbio com outros homens”.

Através da apropriação da linguagem o homem passou a atribuir diversos modos de usa-la, compreendendo que determinadas palavras tinham diferentes intenções dos interlocutores, como ação, declaração, interrogação entre outros. Dessa forma alguns autores destacam que a primeira forma de comunicação humana organizada foi a linguagem oral, quer seja acompanhada ou não da linguagem gestual, como aponta Bordenave (2013).

De acordo com Martín-Barbero (2014, p. 31):

Pensar a linguagem como mediação é pensa-la ao mesmo tempo como feita de signos e precha de símbolos. O estruturalismo descartou o símbolo logicamente. Porque o símbolo não se presta à fria análise das estruturas, mas reaquece e contamina tudo com o excesso e o conflito das interpretações. [...] A etimologia lhe

dá razão: símbolo em grego significa algo partido em dois em que uma parte é dada por um a outro como garantia de reconhecimento. Cada pedaço não é nada isoladamente, mas pode ser um todo se unido ao outro. É no encaixe das partes que os portadores de cada metade se reconhecem e se encontram [...].

Posteriormente com o crescente desenvolvimento da linguagem oral, surgiu a necessidade de fixação dos signos e da criação de formas de leva-los a diferentes distâncias, inicialmente esses signos foram fixados através de desenhos ou pinturas, exemplo são os desenhos feitos por homens primitivos na era paleolítica (entre 35 000 e 15 000 anos antes de Cristo) encontrados em cavernas em Altamira, na Espanha e em Dordogne, França.

Os desenhos basicamente retratam imagens de caça, apresenta pessoas e animais, não é possível saber ao certo o propósito desses desenhos, no entanto é uma forma de comunicação. “Muito antes de qualquer escrita os que habitaram as grutas de Altamira comunicaram com seus semelhantes (e poder-se-ia dizer que continuam a comunicar)” uma vez que “quem visita hoje essas grutas recebe as mensagens cujos emissores são nossos antepassados [...]”(PELTZER,1991,p. 98, apud PERLES, 2007, p. 05).

Outro exemplo a ser ressaltado são os desenhos e gravuras colocados nas casas, edifícios e câmaras mortuárias, feitos pelos egípcios, cerca de 3.000 anos antes de Cristo, os quais representam aspectos de sua cultura, sendo os mesmos uma forma de comunicação que perdura até os dias atuais, portanto torna-se evidente a importância da expressão visual para o homem, é importante ressaltar que a mesma antecedeu a linguagem escrita.

Ainda sobre a fixação dos signos e sua transmissão, temos os signos sonoros e visuais, como tantã, o berrante, o gongo e os sinais de fumaça os quais foram os primeiros utilizados pelo homem nessa perspectiva de vencer as distâncias e levar a mensagem ao âmbito familiar e grupal, proporcionando a comunicação.

No entanto a transmissão dos signos a longas distâncias, só alcançou uma solução mais categórica através da criação da escrita no século IV antes de Cristo, sendo a mensagem escrita, uma forma mais fácil de transportar de um lugar para o outro, marco central na nossa história, o surgimento da escrita, teve suma importância para tornar possível o resgate da história em diferentes épocas e possibilitar o conhecimento em diferentes variantes.

Sobre o surgimento da escrita Costella (1997, p. 23) destaca que:

[...] graças á qual os conhecimentos venceram o tempo e o espaço, pois as experiências acumuladas puderam sob a forma escrita ser transmitidas com precisão ás gerações seguintes. Venceram o espaço pois os conhecimentos poderiam ser transportados de um lugar para o outro em papiros, tablets de argila, pergaminhos, papeis e demais materiais desenvolvidos para fixação da escrita. Com o registro e com a circulação da informação, o homem se beneficia de um crescente repertório

de experiências, as quais lhe permitiram descobrir e inventar mais e mais facilmente. Dessa forma a escrita tornou-se a espinha dorsal do desenvolvimento das civilizações.

O surgimento da escrita possibilitou um grande avanço no desenvolvimento da humanidade, por meio da facilitação da transmissão de informações entre diferentes pessoas ou nações, os conhecimentos, as técnicas desenvolvidas, enfim as experiências adquiridas passaram a ser registradas e assim chegar ao alcance de muitas pessoas, trazendo inúmeros benefícios entre eles à possibilidade em muitos casos dessas informações repassadas servirem de base para o aperfeiçoamento ou criação de novas invenções.

A linguagem escrita tem uma função importante de registrar como também de transmitir a história, se considerarmos a vida pré histórica dos nossos antepassados pouco se sabe sobre os mesmos há apenas algumas especulações decorrentes de interpretação de forma “genérica”, isso é resultante justamente da falta da linguagem escrita que até então não existia o que impossibilita os estudiosos de fazer afirmativas com certeza comprovada.

A evolução da linguagem escrita aconteceu a partir dos pictogramas, signos que faziam uma relação de forma direta entre a imagem gráfica (desenho) e o objeto que estava sendo representado. Posteriormente os signos passaram a ser relacionados não somente a um determinado objeto, mas, passou a representar ideias.

Seguindo essa perspectiva de desenvolvimento Perles (2007) e Bordenave (2013) destacam que, um avanço maior ocorreu quando os homens perceberam que as palavras era compostas por unidades menores de som que as formava, os fonemas, e por meio das mesmas seria possível representar unidades de som. Essa descoberta permitiu o surgimento da escrita fonográfica na qual os signos representam sons, a possibilidade desses signos gráficos, serem representados por unidades de sons menores do que as palavras, originou-se as letras e posteriormente o alfabeto, o qual passou por várias transformações ao longo dos tempos até chegar ao formato atual.

A criação do alfabeto foi extremamente relevante, tornando mais acessível à linguagem escrita, devido a existência de uma forma padronizada, onde todos podiam aprender e combinar os signos e sons, sem necessitar conhecer essas equivalências entre os signos e suas respectivas ideias ou objetos das quais representam, sendo também capaz de alcançar maiores distâncias, como sugere Bordenave (2013).

Mesmo com a existência do alfabeto as culturas por muito tempo permaneceram sendo transmitidas através da linguagem falada e pela linguagem visual por meio de imagens, mostrando que a utilização das mesmas, como forma de comunicar-se é algo bem antigo. Um

exemplo durante a idade média o povo não tinha acesso à linguagem escrita a qual era restrita aos monges, e as pessoas letradas, mas desenhos nas vidraças das catedrais transmitiam-lhes mensagens, comunicavam a história sagrada.

Considerando que a linguagem se desenvolvia a cada dia, crescia a necessidade de levar os signos a longas distâncias e o que faltava eram meios de transportá-los de forma mais prática do que as pedras e os pergaminhos de couro, sendo o surgimento do papel, criado pelos chineses que substituiu as formas anteriormente utilizadas, um marco importante na difusão e alcance da comunicação entre as pessoas.

De acordo com Perles (2007) é inegável que a comunicação principalmente à linguística, é base essencial para a sociabilidade para que possa ocorrer o intercâmbio entre os homens, possibilitando a troca de experiências e conhecimentos.

Essa breve apresentação nos mostra como ocorreu o processo de desenvolvimento da comunicação inicialmente com os grunhidos, sons e gestos, originalmente com certa animalidade, até evoluírem ao longo dos tempos ganhando conteúdo e novos meios de propagação e alcance, além de permanência e emergindo como ferramentas de forte influência para a sociedade.

### **1.1 O Fenômeno da Comunicação Social: Uma Breve Apresentação do Processo de Evolução das Mídias**

De forma equivalente a evolução da linguagem os meios de comunicação também foram desenvolvendo-se, e dos primeiros grunhidos, pinturas rupestres até chegar a internet um longo caminho foi percorrido.

Inicialmente abordamos o surgimento da tipografia, a qual foi um importante marco da produção em série da escrita, isso foi possível graças ao alemão Johan Gensfleisch Gutenberg que entre os anos de 1438 e 1440, aperfeiçoou tipos móveis criados pelos chineses os quais foram os primeiros a imprimir livros, e com a sua criação da prensa tipográfica, possibilitou a produção de livros em grande escala como também o surgimento do jornal, um passo importante para a “democratização da escrita”. “Antes da tipografia, os livros eram escritos a mão. Cada novo exemplar de um livro consumia o mesmo trabalho do anterior. Em cada nova cópia, o copista era obrigado a transcrever desde a primeira até a derradeira palavra” (COSTELLA, 1997, p. 23).

É importante ressaltar que com o aparecimento da imprensa e sua difusão, a cultura é disseminada pelas ruas permitindo o crescimento do público leitor, onde esse público



inicialmente apresenta um maior envolvimento com as publicações políticas, passando à envolver-se com assuntos de ordem pública.

A criação da tipografia possibilitou que a história e os conhecimentos fossem repassados a um número maior de pessoas, através da acelerada produção e barateamento dos livros, sendo também responsável pelo surgimento do jornal impresso. De acordo com Perles (2007) “o surgimento do sistema tipográfico gutenberguiano é considerado a origem da comunicação de massa por constituir o primeiro método viável de disseminação de ideias e informações a partir de uma única fonte” (PERLES, 2007, p. 07).

Segundo Perles (2007) A criação da tipografia além de automatizar a produção de textos, também instituiu a tecnologia moderna de comunicação, visto que antes, o que tínhamos eram tecnologias primitivas (tambor, berrante, fumaça) ou arcaicas (placa de barro, papiro, pergaminho).

A história mostra que o jornal foi um dos primeiros produtos a serem impressos e que sua existência, portanto é algo antigo, onde sua história está relativamente relacionada a história da escrita, e através da criação da imprensa no século XV tornou possível a transmissão e o acesso ao saber escrito, o que antes pertencia apenas as classes sociais dominantes. “O jornal como conhecemos hoje, nasceu na França no século XV, quando o jornalista Théophraste Renaudot editou em 1631 a sua Gazette de France, onde pela primeira vez se colocou claramente a questão da neutralidade e da objetividade da informação jornalística” (FARIA, 1994, p. 48) e ainda segundo a autora é através da criação do jornal moderno que a divulgação de informações alcançou uma quantidade maior de pessoas.

É necessário abrir um espaço nesse processo de evolução dos meios de comunicação para enfatizar a criação da fotografia a qual teve grande relevância para o processo de desenvolvimento da comunicação visual possibilitando a ilustração de jornais, revistas e livros, a mesma ainda se tornou um importante recurso para as produções cinematográficas e aliada a recursos tecnológicos que foram surgindo ao longo dos tempos propiciou a transmissão das imagens por meio da televisão.

Em termos de alcance da comunicação Bordenave (2013) defende que a mesma foi assegurada de forma definitiva pelos meios eletrônicos que aproveitam diversos tipos de ondas para transmitir signos: o telégrafo, o telefone, o rádio, a televisão e finalmente o satélite.

Seguindo o percurso do desenvolvimento tecnológico surgiu o rádio, no entanto é necessário ressaltar que as transmissões eletromagnéticas possibilitaram primeiramente a criação do telégrafo.

Costella (1997, p. 25) define a criação do telégrafo como a mais importante transformação para o mundo das comunicações e acrescenta:

No sistema telegráfico, o fio transporta cargas elétricas mais intensas (“traços”) e cargas mais fracas (“pontos”). A combinação dessas cargas feita de acordo com o código previamente estabelecido (o código criado por Morse se internalizou e é usado até hoje), permitiu a transmissão, em sequência, de letras representadas por sinais elétricos e frases e mensagens completas, enfim. A partir desse momento o homem passou a transmitir informações a velocidade da eletricidade! O telégrafo elétrico foi um convite ao telefone, tanto que bell, um dos inventores deste último, deu-lhe inicialmente o nome de “telegrafo harmônico”. De fato, com o aprimoramento da transmissão telegráfica e o acréscimo de alguns ingredientes, tornou-se possível, a partir de 1876, a transmissão por meios elétricos de sons complexos, como a voz humana e a música.

A primeira transmissão de sinal de telegrafia sem fio foi realizada por Guglielmo Marconi em 1901, atingindo uma distância considerável entre Inglaterra e Canadá, o que significou um grande avanço na telegrafia sem fio, pois vencido o oceano Atlântico, acreditava-se que outras distâncias também seriam superadas, por meio da mesma posteriormente nasceu, o rádio e a televisão.

Para Perles (2007) o advento do rádio marcou uma nova era nas comunicações, suas ondas possibilitaram a quebra de uma barreira que subsistiu à tecnologia da impressão: o analfabetismo, como consequência o processo de massificação viabilizou sua imersão como principal instrumento político da época. Nessa perspectiva é necessário enfatizarmos também a importância da criação do rádio e sua influência na formação cultural-social.

Para Leão; Leão (2008, p. 23):

O rádio foi, portanto, o primeiro instrumento de comunicação de massa já que o telégrafo e o telefone realizaram apenas transmissões interpessoais. O rádio em pouco tempo passou a fazer parte do cotidiano das pessoas e com ele, o novo processo de comunicação passaria a se desenvolver. Por atingir um grande número de pessoas, o rádio passou a desempenhar um importante papel na formação da opinião e, por conseguinte, tornou-se instrumento de manipulação e dominação política. A população isolada em função da fragmentação espacial depositava extrema confiança na mensagem radiada.

O rádio nas décadas de 30 e 40 do século XX inicialmente tinha uma função fortemente ligada a política, poderosas lideranças políticas, conseguiram apoio das pessoas utilizando-se de apresentações nas rádios e por muito tempo o rádio dispunha de uma credibilidade muito grande de modo que as pessoas acreditavam em tudo que ouviam considerando as informações transmitidas através do rádio como verdades absolutas.

Com o surgimento da televisão em substituição ao rádio, á mesma inicialmente não dispunha de tanta credibilidade quanto o mesmo, ela foi conquistando a confiança dos telespectadores com o passar dos anos, apenas nos anos 1950 a televisão começa a se impor, os aparelhos começam a ser produzidos em massa e começam a ganhar espaço nas residências e rapidamente ganham a simpatia popular por apresentar em um único aparelho, som e imagem.

[...] Expande-se, ganha terreno e vai absorvendo progressivamente o público desses outros meios de comunicação, que por causa disso começam a entrar em crise, definhando e posteriormente só conseguem sobreviver quando se tornam apêndice da televisão numa segunda fase. A segunda fase da televisão é o momento em que ela já não é mais reprodutora de outros meios, mas passa a produzir sua própria linguagem (MARCONDES, 1994, p.66 apud LEÃO; LEÃO 2008, p.24 ).

A televisão torna-se um fascínio para as pessoas, uma ferramenta de prescrição de ideias e valores, e começou a exercer um grande poder sobre a população e a exercer influência direta na vida e nas decisões de muitas pessoas, principalmente pela possibilidade de oferecer ao público informações em tempo quase real.

Nessa perspectiva Leão; Leão (2008. p. 26) discorre:

A televisão passou a ser o principal veículo de comunicação, com profunda repercussão na sociedade graças a sua capacidade de transmitir com rapidez tudo o que acontece nas diferentes regiões do mundo. Contudo, com a televisão vieram novos mecanismos de manipulação. Resta-nos, dessa forma, entender o processo de construção da notícia, para que seja menor o risco de tomarmos como verdadeiro o que é apenas aparente.

Entretanto faz-se necessário destacar que antes da televisão o cinema já apresentava a tecnologia das imagens em movimento, inicialmente as produções cinematográficas limitavam-se a produções mudas, mas com os avanços tecnológicos que foram ocorrendo ao longo dos anos o mesmo passou a retratar a realidade com maior fidelidade ao incorporar som, cor e lentes especiais que registram inúmeros movimentos em um único segundo.

A linguagem cinematográfica tornou-se uma produção cultural com grande potencial a ser explorado principalmente com relação ao conhecimento de diferentes realidades, como do mundo de forma geral. “É, portanto, uma produção cultural importante para a formação do intelecto das pessoas, porque com ele aparecem questões cognitivas, artísticas e afetivas de grande significado” (PONTUSCHKA et al., 2009, p. 265).

Com toda essa evolução nos meios de comunicação a influência dos mesmos sobre a sociedade tornava-se crescente ao passo que alcançava maiores distâncias em termos de

territórios e espaços e garantia um público maior. Da mesma forma a ciência e a tecnologia da comunicação, também progrediam com a criação de novas invenções, dentre elas a criação da informática extremamente importante para a sociedade.

A criação dos microcomputadores possibilitou o armazenamento e processamento de informações em centenas de bancos de dados espalhados em vários países. As técnicas dos meios de comunicação, os “hardwares” foram aperfeiçoados e foram se evoluindo.

De acordo com Bordenave (2013, p. 33)

Esse processo de desenvolvimento de aparelhos (“hardware”) e das técnicas de programação e produção (“software”) foi acompanhado de um tremendo aumento de influência e poder da comunicação na sociedade. O impacto dos meios sobre as ideias, as emoções, o comportamento econômico e político das pessoas, cresceu tanto que se converteu em fator fundamental de poder e de domínio em todos os campos da atividade humana.

É importante ressaltar que a criação da rede mundial de computadores, denominada internet, foi responsável pelo maior impacto ocasionado ao processo de integração dos meios de comunicação. A mesma reduziu o tempo e encurtou as distâncias por meio da informação e da comunicação, de forma prática e eficiente, permitindo a comunicação e o conhecimento de fatos ocorridos com pessoas e lugares que estão localizados do outro lado do hemisfério e praticamente em tempo real.

Mediante o exposto pode-se dizer que a sociedade contemporânea se caracteriza cada vez mais como uma sociedade da informação, sendo essas informações transmitidas na forma de diferentes linguagens e são os meios de comunicação de massa que permitem sua circulação com agilidade e ampla velocidade.

## **1.2 A Dimensão Midiática no Ensino de Geografia: Algumas Considerações**

Como aponta Bordenave (2013) de forma paralela a evolução dos meios de comunicação, foi surgindo a necessidade de utilização dos mesmos no processo educativo formal e não-formal. Segundo Libâneo (2007) educação e comunicação sempre andaram juntas, porém são duas coisas diferentes, sendo importante reconhecer que as práticas educativas, supõem processos comunicativos e que toda comunicação é educativa.

No mundo contemporâneo as práticas educativas e os processos comunicativos tornam-se mais vinculados, devido os avanços tecnológicos na comunicação e informática e

as mudanças nos sistemas produtivos envolvendo novas qualificações e conseqüentemente novas exigências educacionais.

Com a evolução dos meios de comunicação de massa, uma nova forma de linguagem passou a ser inserida no contexto educacional, bem como passou a interagir com o ensino de geografia, os recursos midiáticos. Segundo Chauí (2006, apud SILVA, 2010, p.1-2) mídia significa, meios de comunicação de massa, esses meios são considerados como “objetos tecnológicos capazes de transmitir a mesma informação para um vasto público ou massa. Esses objetos tecnológicos são os meios por intermédio dos quais a informação é transmitida ou comunicada”.

Conforme Guimarães (2013, p. 227):

[...] A mídia convoca e endereça aos estudantes uma série de saberes e dizeres sobre o mundo, mas faz isso por meio do prazer, fascínio e sedução. São linguagens que ensinam ao mesmo tempo em que instituem verdades sobre o mundo, dirigindo o nosso modo de ser e compreender a realidade.

A influência dos recursos da mídia na sociedade e no espaço escolar é algo inquestionável, a cultura midiática vem exercendo um poder muito grande sobre a vida das pessoas isso pode ser identificado nos diversos modos de vestir-se, nas formas de trabalhos, consuno nos comportamentos diversos, na produção de informações, enfim nas atividades do cotidiano.

De acordo com Guimarães (2013, p. 223):

Os artefatos midiáticos fazem parte do conjunto das produções culturais da sociedade capitalista em que vivemos. Expressam os sentidos válidos e postos em circulação de determinada época constituindo-se em fontes privilegiadas para a análise da realidade. Desse modo, as produções midiáticas podem ser usadas para a reflexão sobre o modo de perceber e viver em determinado espaço e tempo.

A mídia configura-se como um elemento fundamental na vida das pessoas, tendo em vista que vivemos em uma era tecnológica em que grandes acontecimentos ocorrem á toda hora e faz-se necessário que as notícias sejam transmitidas em tempo real, isso somente é possível graças à existência de ferramentas como: televisão, internet, jornais, revistas entre outros.

Sendo assim os diferentes recursos midiáticos podem ser elementos de análise e reflexão, dentro do espaço escolar, pois em inúmeros momentos são produtores de conhecimentos sem que as pessoas percebam isso, mas o papel principal do professor e da

escola não se resume a mostrar o mundo como está, mas, como analisar de forma crítica as possíveis alternativas e mudanças sociais existentes.

O ensino de Geografia tem passado por inúmeras transformações ao longo da história desde as discussões em torno do seu objeto de estudo, como também em torno dos métodos utilizados, é importante destacar que por muito tempo a Geografia era simplesmente entendida como uma disciplina de descrição e memorização da “Terra e do homem”, não existia uma análise crítica, da relação homem-sociedade-natureza, uma reflexão do real para entender as causas e efeitos, dos fenômenos naturais e sociais existentes, enfim do contexto espacial em que a sociedade estava inserida.

Com o passar do tempo o ensino de Geografia vem ganhando uma nova configuração, isso é resultante das mudanças que foram ocorrendo na ciência geográfica ao longo dos tempos, da necessidade de modificar a prática de ensino onde o conhecimento geográfico possa ser construído pelos professores em conjunto com os alunos, para isso é importante à utilização de novos recursos de ensino nas aulas de Geografia, entre os mesmos podemos destacar a mídia a qual vem ganhando destaque, pois está cada dia mais presente em nosso cotidiano exercendo forte influência sobre a sociedade.

Segundo Leão; Leão (2008, p. 11):

Ensinar geografia a partir de um texto mediático nos obriga a pensar o objeto e os métodos presentes no ensino dessa disciplina. No interdiscurso com a linguagem da mídia, uma Geografia fragmentada e submetida a interpretações equivocadas facilitará a superposição das ideias veiculadas pelos grandes meios. É necessário pensar o texto mediático e ter o conhecimento geográfico como referencial na decodificação do material produzido pelos grandes meios de comunicação.

Através do destaque que a mídia passou a exercer dentro da esfera social, tornou-se necessário sua inserção na sala de aula, tendo em vista que a escola é composta pela sociedade e a mesma necessita acompanhar as mudanças do meio externo para atender de forma significativa a demanda dos alunos. Conforme (GUIMARÃES, 2013, p.232) “Os artefatos midiáticos são instituídos nas práticas sociais e portanto, são parte constitutivas do contexto sócio-histórico que na contemporaneidade, tem as marcas da efemeridade e da rapidez própria dos sujeitos contemporâneos”.

A mídia impressa constitui-se um importante veículo de transmissão de informações e de formação de opiniões, sendo por tanto um elemento de manipulação da sociedade, nesse sentido cabe ao professor de geografia utilizar-se do texto midiático transformando-o em um recurso auxiliar no processo de ensino. Como destaca Leão; Leão (2008, p. 41) “o professor

de geografia pode, assim, transformar qualquer texto midiático em um texto útil para o ensino da Geografia, desde que este seja o ponto de partida para uma reflexão em que o conhecimento geográfico seja a referência”.

É necessário que o professor de geografia tenha conhecimento que o texto midiático pode até abordar informações de cunho geográfico, mas essas informações não são conhecimentos geográficos, os mesmos poderão ser construídos juntamente com os alunos através da confrontação dos mesmos com os conhecimentos teóricos específicos de Geografia.

Ainda nessa perspectiva de acordo com Abramo (2006, p. 25):

Percebe-se então, que utilizar a mídia impressa como recurso em sala de aula requer um conhecimento sistematizado com o conhecimento teórico científico, para que os conteúdos presentes no discurso midiático não sejam simplesmente reproduzidos no âmbito escolar, causando estranhamento por parte dos alunos, ao contrário, há que se ter clareza quanto aos fatos veiculados nos noticiários, é preciso desconstruir o discurso e ressignifica-los para que o aluno tenha plena consciência da realidade dos fatos, desenvolvendo assim seu senso crítico.

A necessidade de estarmos sempre informados muitas vezes nos faz acreditar e processar rapidamente tudo que nos é posto sem que façamos uma análise dessas informações, diferentemente do que deve ser feito pelo professor de geografia ao introduzir materiais midiáticos em suas aulas, o mesmo não pode se prender as explicações promovidas pela mídia. Como aponta Leão; Leão (2008, p. 42):

Sem o espaço da ressignificação da linguagem mediática, a aula de Geografia serve de aluguel para o discurso da mídia; configura-se assim um processo de desterritorialização da Geografia. Resumidamente, isso significa que, na seleção e incorporação do material midiático, o professor deve estar seguro do que pretende, ao ensinar Geografia.

Ainda nessa perspectiva Leão; Leão (2008), descreve que a escola não pode continuar sendo receptora passiva dos meios, muito menos absorver ou acreditar totalmente nos discursos apresentados, é necessário que a escola ensine a ler e decodificar “as formas simbólicas que circulam na mídia”, sendo por tanto um espaço de ressignificação do discurso transmitido pela mídia, ou seja, de acordo com os mesmos o valor do material midiático para construção do conhecimento está condicionado à forma como será utilizado pelos professores.

A Geografia enquanto disciplina escolar possui um campo vasto de possibilidades para trabalhar com materiais produzidos pela mídia, uma vez que, seu objeto de estudo é o espaço geográfico, dessa forma é necessário o manejo adequado desse material utilizando sua

linguagem, mas buscando uma confrontação entre o mesmo e os conhecimentos que são próprios da Geografia e que são estruturados em forma de conteúdos. É importante salientar que o professor não deve regredir ao ensino no seu formato conteudista de épocas passadas, mas sim utilizar os conteúdos como um aporte teórico possibilitando a ressignificação dos textos midiáticos.

Segundo Guimarães (2013, p. 226):

Para o ensino de Geografia, essa discussão se mostra como fundamental uma vez que essa disciplina tem como função possibilitar, aos estudantes, a reflexão e análise, além da compreensão do mundo em que vivem. Esse mundo é hoje profundamente interligado e interdependente, organizado em torno da cultura do consumo e da mídia. Conhecê-lo bem é uma tarefa do cidadão e compõem o papel formativo que o ensino de Geografia é chamado a desempenhar no currículo escolar.

Nesse sentido torna-se necessário que a escola cumpra seu papel de possibilitar ao aluno o acesso ao conhecimento e a informação, reconhecendo que o uso das tecnologias atualmente é algo muito importante, como também promover o desenvolvimento do senso crítico dos alunos para que os mesmos possam filtrar as inúmeras informações recebidas diariamente através dos meios de comunicação.

Nessa perspectiva entende-se que a construção do conhecimento depende da forma como as informações são abordadas pelo professor. “O professor tem um papel importante nesse processo, como mediador entre o aluno e a informação recebida, promovendo o “pensar sobre” e desenvolvendo a capacidade do aluno de contextualizar, estabelecer relações e conferir significados às informações” (PONTUSCHKA et al., 2009, p. 262).

A relação entre educação e mídia é antes de tudo a relação entre pessoas e ferramentas tecnológicas, as quais contribuem para a construção do conhecimento e a formação humana, através do processo de criação e circulação de significados que fazem parte do nosso modo de vida.

Diante de todos os avanços tecnológicos ocorridos ao longo dos tempos, além da grande quantidade de informações que são postas em circulação por meio da mídia e pelas redes de computadores, torna-se necessário saber processar todos esses dados que nos são apresentados diariamente.

Sabemos que tais informações circulam de forma rápida através de meios como: a televisão, o rádio, o cinema, o computador, o vídeo entre outros, é importante utilizar-se desses recursos em sala de aula para a produção do conhecimento, principalmente para a compreensão do mundo em que vivemos, sendo uma prática pedagógica enriquecedora.



A escola é um espaço de reflexão a cerca da realidade, em suas diferentes dimensões, desde a escala local até a escala global, cabe ao professor fornecer instrumentos, ou criar oportunidades de construir com os alunos uma visão estruturada do mundo.

Nessa perspectiva Guimarães (2013, p.226) nos fala:

Para o ensino de Geografia essa discussão se mostra como fundamental uma vez que essa disciplina tem como função possibilitar, aos estudantes, a reflexão e análise, além da compreensão do mundo em que vivem. Esse mundo é hoje profundamente interligado e interdependente, organizado em torno da cultura do consumo e da mídia. Conhecê-lo bem é uma tarefa do cidadão e compõem o papel formativo que o ensino de Geografia é chamado a desempenhar no currículo escolar.

É perceptível que ferramentas midiáticas como: o jornal, a televisão, revistas, filmes, entre outros, fazem parte da cultura dos alunos e inúmeras vezes, aborda temas que o professor junto com os alunos podem pensa-los a partir dos conceitos de Geografia, o que nos mostra que a escola e o professor de Geografia podem dialogar criticamente com tais produções, sendo fundamental que os mesmos possibilitem aos alunos uma relação reflexiva com diferentes narrativas midiáticas.

## 2 O LIVRO DIDÁTICO EM DESTAQUE: BREVE HISTÓRICO DE SUA TRAJETÓRIA NOS ÚLTIMOS ANOS NO BRASIL

A escola é entendida como um espaço de relações entre diferentes agentes, como também um espaço de formação de sujeitos críticos e reflexivos, conhecedores da sua realidade e capazes de intervir nos acontecimentos a sua volta, para tanto ao longo do tempo, o professor tem utilizado de diferentes recursos para “facilitar” ou possibilitar o processo de ensino-aprendizagem, onde o livro didático, ganha destaque sendo entendido por muitos como o instrumento de maior eficácia nesse processo.

Na concepção de Ferreira (2012, p. 28) LD é entendido como:

[...] objeto de expressão da cultura escolar, registro de uma época ou de uma sociedade, sendo esse um instrumento ou recurso didático, e ao mesmo tempo, uma valiosa fonte de pesquisa histórica que permite desvendar elementos da composição curricular. Ainda é revelador das metodologias políticas disciplinares, valores culturais, interesses econômicos e sociais estabelecidos, a partir do poder exercido pela escola e de toda uma simbologia que a envolve enquanto instituição educativa.

O LD é um instrumento que tem um papel relevante na escola, assim como na sociedade atual. Um elemento de intermediação nos processos de ensino e aprendizagem, que contém um conhecimento sistemático para a formação do aluno no ensino básico, o mesmo é de suma importância na prática pedagógica diária, pois trata-se de um suporte teórico e prático do aluno e instrumento de apoio para o professor. É importante considerar que se trata de uma sistematização dos conteúdos a serem trabalhados em sala de aula, de modo que garanta minimamente as referências de conteúdos e de habilidades exigidas em cada série.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's), (1998) de Geografia, torna-se importante que o professor ofereça a oportunidade de um conhecimento organizado de sua área, valorizando seu lugar de vida, tendo sempre o cuidado de lançar mão de uma didática que valorize a experiência do aluno com seu espaço de vivência.

O livro didático (LD) se constitui como um dos principais recursos didáticos de destaque a ser utilizado em sala de aula Batista (1999, p. 534, apud ANGELO, 2011, p. 41, grifos do autor) define-o como “*aquele livro ou impresso empregado pela escola, para o desenvolvimento de um processo de formação*”. Isso não pressupõe que o mesmo deva ser o único recurso utilizado em sala de aula cabe a quem está à frente ou mediando esse processo de ensino aprendizagem fazer as suas escolhas.

Realizando um breve resgate do histórico do livro didático no Brasil é perceptível a interpelação existente entre o mesmo e o aspecto da política dele, segundo (FREITAG et al., 1989) o livro não tem uma história própria no nosso país, a mesma trata-se de uma sucessão de decretos, leis e medidas governamentais que foram se estabelecendo a partir de 1930.

Para Holanda (1957) o livro didático no Brasil é uma consequência da revolução de 30, onde com a queda da moeda brasileira, juntamente com o encarecimento dos livros estrangeiros, ocasionados pela crise mundial, o que possibilitou o “compêndio brasileiro – antes mais caro do que o francês-competir comercialmente com este” (HOLANDA 1957, p. 105 apud FREITAG et al., 1989, p. 12).

Considerando a intervenção estatal na política do livro didático, há uma divergência com relação ao início da mesma, à autores que definem que ocorreu ou teve início no ano de 1938 no Governo denominado Estado Novo do então presidente Getúlio Vargas, entretanto dados anunciados pelo FNDE, apontam que o mesmo ocorreu ou teve início no ano de 1929, no Governo de Washinton Luís o qual no referido ano criou o Instituto Nacional do Livro (INL), buscando a legitimação do livro nacional. Informações contrárias divulgadas pela Fundação Getúlio Vargas afirmam que o INL foi criado em 1937, no então governo de Getúlio Vargas.

Entretanto em meio a tantas contradições é coerente enfatizar que as discussões em torno das políticas do livro didático foram intensificando com o passar dos anos e ganhou maior destaque com a criação do decreto-lei 1.006/38 o qual pela primeira vez definia o que deve ser entendido por livro didático, como também regulamentava o regimento do mesmo. A mencionada lei foi promulgada em 10 de dezembro de 1938, a mesma proferia que:

Art. 1º É livre, no país, a produção ou a importação de livros didáticos.

Art. 2º Para os efeitos da presente lei, são considerados livros didáticos os compêndios e os livros de leitura de classe.

§ 1º Compêndios são os livros que exponham, total ou parcialmente, a matéria das disciplinas constantes dos programas escolares.

§ 2º Livros de leitura de classe são os livros usados para leitura dos alunos em aula.

Art. 3º A partir de 1 de janeiro de 1940, os livros didáticos que não tiverem tido autorização prévia, concedida pelo Ministério da Educação, nos termos desta lei, não poderão ser adotados no ensino das escolas pré-primárias, primárias, normais, profissionais e secundárias, em toda a República (BRASIL, 1938, p. 01).

É importante enfatizar que através da promulgação da referida lei o livro didático é produzido sob influência do Estado e atendendo aos interesses do mesmo. Por meio da criação desse decreto também foi instituída a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), a qual competia examinar e julgar os livros didáticos era um órgão oficial que regularizava a

produção e distribuição de livros no Brasil. De acordo com Bomény (1984) nessa comissão a função de um controle político sobrepunha a função didática.

Segundo Silva (2006) o decreto de lei 1.006/38 permaneceu vigente até o ano de 1945 quando o chefe de poder judiciário José Linhares assumiu a presidência da República de forma interina. O mesmo promulgou o decreto de lei 8.460 apenas uma sustentação da primeira, acrescido de alguns artigos e parágrafos onde vale enfatizar o Art.5º o qual determina que:

Os poderes públicos não determinar a obrigatoriedade de adoção de um só livro ou de certos e determinados livros para cada grau ou ramo de ensino nem estabelecer preferência entre os livros didáticos de uso autorizado, sendo livre aos professores de ensino primário, secundário, normal e profissional a escolha de livros para uso dos alunos, uma vez que constem da relação oficial das obras de uso autorizado. (BRASIL, 1945).

Analisando o determinado artigo fica claro que esta era uma forma de mascarar o poder do Estado sobre a escolha e distribuição do livro didático, uma vez que garantia aos professores do ensino primário o direito de escolher a obra com que os mesmos iriam trabalhar, no entanto apenas dentre as opções ofertadas e permitidas pelo mesmo, ou seja a vontade do Estado ainda prevalecia, apenas de forma disfarçada.

Seguindo o contexto histórico do LD no Brasil, ainda em 1945 surgiram inúmeras críticas e questionamento com relação a CNLD. No entanto o decreto de 8.460/45 consolidou a legislação 1.006/38 discutindo sobre os três seguintes blocos:

A) deliberações relativas ao processo de autorização para adoção e uso do livro didático; B) deliberações relativas ao problema de atualização e substituição dos mesmos; C) deliberações que representam algumas preocupações em relação à especulação comercial. (FRANCO, 1980, P. 28 apud FREITAG et.al, 1993, p. 13.)

Estes eram alguns dos aspectos correspondentes ao livro didático a serem discutidos e revistos: autorização, atualização e substituição dos mesmos e especulação comercial.

Em 25 de abril de 1961 o presidente Jânio Quadros por intermédio do decreto 50.849 transfere o encargo de financiamento do livro escolar para o governo federal, o que seria financiado por intermédio do Banco do Brasil (BB).

Posteriormente as políticas públicas voltadas ao livro didático só apresentaram mudanças na década de 1960, já durante o regime militar. No ano de 1966, através da associação entre o Ministério da Educação (MEC) e a agência Norte-Americana para o Desenvolvimento Internacional (USAID), foi criado a Comissão do Livro Técnico e Livro

Didático (COLTED), este órgão era responsável por coordenar a produção, edição e distribuição do LD, o mesmo teve segmento até o ano de 1971, quando foi criado o Programa do Livro Didático (PLID) de acordo com o decreto 68.728 de 08/06/71.

Seguindo essa perspectiva em 1968 cria-se a FENAME (Fundação Nacional de Material Escolar) que a partir de 1976 ficou encarregada de assumir o Programa do Livro Didático (PLD) até então o responsável era o INL, o qual foi extinto nesse mesmo ano.

De acordo com Freitag et.al (1989) nos anos 1980 a política governamental do livro didático começa a ser atrelada com a criança carente de recursos financeiros e são difundidas as diretrizes do Programa do Livro Didático – Ensino Fundamental (PLIDEF) em seguida advindo o PLIDEM e PLIDESU, concomitantemente programas do livro didático para o ensino médio e supletivo.

Com o aparente enfraquecimento da ditadura militar em abril de 1983 é fundada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), a qual substitui a FENAME, esta tinha como finalidade propor a participação dos professores na escolha do livro didático e a ampliação do programa incluindo todas as séries do fundamental. A FAE foi extinta em 1985, quando também chegou ao fim o regime militar.

Logo após esse processo de regime militar vivenciado no país, surge um processo de redemocratização no Brasil e isso atinge várias esferas da sociedade como também a esfera educacional. Inúmeras mudanças políticas, econômicas e sociais começaram a ocorrer, nesse contexto é criado o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), por meio da lei 91.542 de 19 de agosto de 1985, o mesmo foi criado com a finalidade de distribuir os livros didáticos para as escolas públicas.

O PNLD é hoje o programa mais duradouro de distribuição de obras didáticas, para os alunos. O mesmo passou por várias alterações ao longo dos anos de acordo com as necessidades emergentes. Hoje o mesmo é destinado a educação básica no Brasil sendo dirigido pelo FNDE e o MEC com excursão em ciclos a cada três anos alternados.

Sobre tantas transformações ocorridas ao longo do histórico da política do livro didático no Brasil, Lopes (2008, p. 154) destaca que:

Torna-se mais profícuo compreender os livros didáticos como produtores de sentidos nas políticas curriculares, pois a produção deles faz parte do processo de (re) contextualização dessas políticas de recursos híbridos presentes nos livros estabelecem novos sentidos significados e relações nessa complexa rede que se forma, expressando uma “nova” rede de mudança.

De acordo com Martins (2006, p. 124) “o livro didático é um artefato cultural, isto é, suas condições sociais de produção, circulação e recepção estão definidas com referência a práticas sociais estabelecidas na sociedade”.

É possível verificar que o livro didático possui uma história que não está desagregada da história do ensino escolar sendo que ambos evoluíram ao longo do tempo em diferentes aspectos e o LD foi sendo modificado para atender as necessidades impostas pelas novos padrões de ensino, essa evolução seguiu juntamente com o avanço de tecnologias gráficas e padrões gerais de comunicação, essa abordagem será apresentada a seguir fazendo referencia especificamente ao livro didático de Geografia.

## **2.1 O livro didático no ensino de geografia: Algumas considerações**

Frente as transformações ocorridas durante todo o processo de surgimento, produção e distribuição do livro didático ao longo dos tempos, o mesmo foi ganhando uma conotação importante no espaço escolar, tornando-se um instrumento de ação constante. Como aponta Castellar; Vilhena (2010, p. 137):

O cotidiano escolar nos revela que o livro didático é um instrumento de ação constante e que ainda encontramos muitos professores que o transformam em um mero compêndio de informações, ou seja, utilizam-no como um fim e não como um meio, no processo de aprendizagem.

Nesse mesmo contexto Kimura (2011) aponta que existem livros didáticos de Geografia preferidos pelos professores por trazerem além de informações ou os chamados conteúdos geográficos, apontam também as atividades a serem realizadas pelos alunos. Trazem ainda estratégias didáticas de forma que tais livros praticamente ensinam sozinhos, o que queremos refletir é justamente o oposto, que esta não deve ser a função do LD o mesmo deve ser utilizado como um dos recursos facilitadores do processo de ensino aprendizagem e não como o único recurso.

Até os anos de 1950 os conteúdos geográficos apareciam nos grossos compêndios chamados “Conhecimentos Gerais”, os quais eram escritos discursivamente, informando conceitos e alguns temas e em alguns casos apresentava um questionamento ao final do capítulo. Somente em casos específicos eram desenvolvidas outras atividades ou textos que não estivesse presente no livro, isso era feito por conta do Professor.

Somente a partir do final dos anos 50 e início dos anos 1960, os livros começaram a trazer textos mais coloquiais com atividades ao longo do mesmo não somente ao final. Nos anos de 1970, os livros começaram a apresentar atividades diversificadas como textos lacunados, histórias em quadrinho, palavras cruzadas etc.

No entanto segundo Kimura (2011) do ponto de vista dos conteúdos, os livros didáticos eram canais de disseminação dos itens contidos nos Guias curriculares estabelecidos oficialmente durante o Governo Militar até então vigente no País. Somente na década de 1980, com o fim do governo militar no Brasil, alguns Estados e Municípios fizeram suas propostas de ensino entre elas a de Geografia. Elas apontavam o fim da permanência dos Guias curriculares com a fundação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) pelo Ministério da Educação (MEC) em 1990, os livros didáticos propuseram-se a implantá-los.

Ainda de acordo com Kimura (2011) a partir desse contexto estabelecido após os anos de 1990 o livro didático surge com o que chamamos de “atual geração do LD”, com textos de maior enfoque teórico, também trazem textos baseados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, fazendo uma abordagem geográfica diferente daquela feita nos tempos de regime militar, além de apresentar um discurso coloquial entremeados de atividade, apresentando um aspecto moderno característico dos novos tempos da era tecnológica.

Dentre o processo de mudanças ocorrido ao longo dos tempos uma permanência em relação ao livro didático é a importância que lhe é atribuída até os dias atuais. No ensino de Geografia como nas demais disciplinas, o uso do LD é importante, porém é necessário que o professor faça uso do mesmo de forma crítica e não se limitando exclusivamente ao mesmo, utilizando-se do mesmo, mas com recursos complementares.

O professor deve levar em conta que não é um autômato para refletir ou se limitar ao livro, tem que utiliza-lo considerando as peculiaridades das várias turmas para as quais leciona, de acordo com os interesses e a capacidade de assimilação dos mesmos. (ANDRADE, 1989, p. 57)

Para refletir sobre a utilização do livro didático em especial no ensino de Geografia é importante considerar a evolução ocorrida no conteúdo dessa disciplina ao longo dos últimos anos. Antes da década de 1930 o ensino de Geografia era pautado na memorização de fatos e fenômenos, os alunos eram praticamente obrigados a decorarem uma grande quantidade de nomes, conceitos e fatos.

Após 1930, surgiram algumas iniciativas para modernizar a geografia brasileira, introduzindo princípios da escola clássica francesa lablachiana, nessa mesma época foram

publicados livros sobre o Brasil, a metodologia do ensino de Geografia e com propósito eminentemente didático uma corografia do Brasil. Ainda nesse mesmo ano surgiram coleções de livros, um volume para cada série e além de livros e textos mais modernos, passou-se a utilizar atlas com mais frequência nos mesmos.

Segundo Andrade (1989) no estado novo, com a reforma Gustavo Capanema, a Geografia era considerada uma ciência conservadora ministrada em todas as séries do curso ginásial de quatro séries era ensinada em seus aspectos gerais, físicos e humanos, no curso colegial dividido em três anos o programa era voltado para os problemas humanos, e os assuntos a serem ministrados pelos professores em sala de aula e escritos pelos autores dos livros didáticos eram determinados pelos programas expedidos pelo Ministério e aplicado em todo território nacional. Portanto o professor não tinha essa liberdade de trabalhar temas voltados aos acontecimentos do cotidiano e problemáticas sociais, buscando a construção de uma visão crítica por parte dos alunos.

O ensino de Geografia no ano de 1960 sofreu um impacto negativo devido a criação dos cadernos de exercício, os chamados “livros de mestre”, os quais apresentavam até os modelos de avaliação que deveriam ser aplicados pelos professores, basicamente reduzindo o professor a simples função de aplicar aquilo que estava pronto, reduzindo a capacidade de reflexão e análise do professor e gerando incômodos como provas generalizadas para todo o território brasileiro desconsiderando as especificidades de cada região e cada local.

Nessa mesma década, problemáticas relacionadas aos aspectos do livro didático passaram a ser analisados em uma perspectiva histórica, como aponta Bittencourt (2004, p. 473 apud KANASHIRO, 2008, p. 21):

Os objetivos centrais de tais análises históricas são o de situar o processo de mudanças e permanências do livro didático-tanto como objeto cultural fabricado quanto pelo seu conteúdo e práticas pedagógicas-, considerando sua inserção hoje, quando se introduzem em escala crescente, novas tecnologias educacionais, as quais chegam a colocar em xeque a própria permanência do livro como suporte preferencial de comunicação de saberes escolares.

Discutir a questão do livro didático no ensino nos dias atuais, pressupõe discernimento, não é interessante radicalizar a opinião em relação ao seu uso, como aponta Carneiro et al. (2005) o livro considerado ruim por algumas pessoas pode ser um importante objeto de discussão utilizado em sala de aula.

Nessa mesma direção Freitag et al. (1989) apontam que estudos realizados entre professores referentes a escolha do livro didático, revelam de forma clara que os critérios



utilizados pelos mesmos não estão relacionados ao processo pedagógico, mas a aspectos externos. “As razões indicadas pelos professores, quando usam um ou outro livro, coincidem com razões ou critérios sugeridos pelas Secretárias de Educação, pelos especialistas em avaliação, pelas editoras” (p.124).

Fica evidente que mesmo com o “direito” que o professor tem de escolher o livro didático com o qual vai trabalhar o mesmo está condicionado a opinião ou desejo de meios externos, primeiramente ao desejo do Estado que por meio do PNLD, sugere ou oferta os livros que serão escolhidos pelo professor, ou seja o que não deixa de ser uma escolha do Estado mais de forma “disfarçada”, como também há uma influência inúmeras vezes da Secretária de Educação que estabelece determinado livro, como também há casos em que os professores são influenciados por brindes ou presentes pela editora do livro.

Para Schaffer (1988) o critério fundamental para a escolha do livro didático é que o mesmo atenda aos objetivos estabelecidos pelo professor em seu plano de trabalho e conseqüentemente, as características dos alunos (idade, série, turno e etc.).

Acreditamos que é possível utilizar diversos materiais didáticos em sala de aula durante o desenvolvimento das atividades, contanto que o professor tenha conhecimento e consciência das deficiências dos mesmos e discuta com os alunos tais problemas.

Schaffer (1988, p. 12) aponta que “a qualidade do processo de ensino e aprendizagem depende muito mais do desempenho do professor do que da qualidade do livro didático”. Seguindo essa perspectiva a autora descreve que as críticas e sugestões quanto aos livros didáticos de Geografia devem ser elaborados e encaminhados aos setores competentes pelos professores do ensino básico, pois são os mesmos por meio de sua vivência os mais qualificados para essa função.

Seguindo esse pensamento Lajolo (1987 apud SCHAFFER 1988, p. 13) “faz críticas e questiona a participação “como estrelas de palco” de autores e editores em cursos, seminários e congressos para discutir critérios quanto à seleção e uso do livro didático”.

Cabe ao professor em especial de Geografia fazer a escolha do LD de maneira coerente, buscando suprir as necessidades aparentes do público escolar o qual utilizar-se-á do mesmo, optando pela proposta que melhor se adeque ao cotidiano dos alunos, pois o livro didático de Geografia deve procurar interagir com o cotidiano do aluno, pois o ensino da Geografia está evidentemente relacionado à presença e o papel da natureza e sua relação com a vida das pessoas sejam em sociedade ou individualmente, na construção do espaço geográfico.

É necessário enfatizar que compete ao professor buscar trabalhar com o livro didático como um instrumento útil e adequado, utilizando-o em sala de aula de forma contextualizada e permitindo uma melhor assimilação dos conteúdos por parte dos alunos. Sabendo-se também que o professor tem um papel primordial nesse processo, devem utilizar-se do livro didático como um suporte, auxiliando-o na transmissão do conhecimento, sem tornar-se refém do mesmo tão pouco deixar-se alienar-se.

De acordo com o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), é importante que o professor seja um agente ativo no processo de escolha do livro didático, pois para a escolha dos livros didáticos aprovados na avaliação pedagógica, é importante o conhecimento do Guia do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). É função de professores e equipe pedagógica analisar as resenhas contidas no guia para escolher adequadamente os livros a serem utilizados, buscando aqueles que estejam mais adequados ao projeto político-pedagógico da escola; ao aluno e professor; e à realidade sociocultural da instituição.

É atribuição do MEC, através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), propor uma maior qualificação dos livros didáticos, para que sejam utilizados pelos professores, de maneira que auxilie na prática pedagógica do professor, a fim de melhorar o desempenho dos alunos.

Ao mesmo tempo em que o livro didático é utilizado, como um instrumento de apoio para o professor é também um suporte teórico e prático para o aluno no processo de ensino-aprendizagem; compondo uma melhor organização do conteúdo a ser ensinado.

É preciso enfatizar que o livro didático não é um recurso perfeito, o mesmo está passível de erro cabe ao professor identificar tais problemas e imperfeições para que os mesmos não interfiram ou prejudiquem a aprendizagem do aluno. Sendo a escolha e a utilização do livro didático uma prática profissional sobre a qual o professor deve agir criticamente.

Nessa perspectiva Zabala (1998, p. 176) faz algumas considerações:

Nossa tarefa prioritária como educadores não consiste na confecção de materiais que devem nos ajudar a desenvolver as atividades educativas. A tarefa de ensinar envolve ter presente uma quantidade enorme de variáveis, entre elas as que nos indicam as necessidades particulares de cada menino e menina e de selecionar as atividades e os meios que cada um deles necessita (...). O fato de ter que utilizar materiais elaborados por outros não significa uma dependência total, nem a incapacidade de confeccionar os materiais necessários quando a oferta do mercado não se ajusta às necessidades que queremos atender.

É fundamental que o professor trabalhe com práticas pedagógicas inovadoras e ofereça ferramentas de apoio que facilite a aprendizagem e um conhecimento organizado de sua área, bem como é necessário buscar melhores procedimentos de ensino a fim de alcançar melhores resultados em relação à aprendizagem dos alunos.

É importante e faz-se necessário que o educador conheça o seu material de trabalho e possa analisá-lo de maneira crítica podendo fazer uso do mesmo da melhor maneira possível independente de qual seja esse material, esse aspecto será enfatizado no tópico seguinte.

## **2.2 Um olhar sobre os conteúdos do livro didático do 8º ano**

Inicialmente considerando a realidade educacional atual do Brasil uma das questões recorrentes entre os professores, é a falta de leitura dos alunos, que os mesmos leem pouco, e atribuem esse problema aos próprios alunos, destacando que isso se deve a falta de interesse na leitura. Esse é um problema a ser superado pelas escolas e professores que buscam uma formação de qualidade para os seus alunos.

Nesse sentido Pontuschka et al. (2009) discorrem sobre o livro didático de Geografia:

O livro didático de Geografia não pode apresentar-se como um conjunto de informações sem nexos ou correlações. Além de não ter a linguagem atraente da televisão ou dos sites visualizados na internet isso para considerar a camada da população com acesso ao telefone e ao computador, ele pode não contribuir para a produção de um conhecimento que ajude o aluno a enriquecer sua visão de mundo mediante estudos geográficos (p. 342-343).

A autora ainda destaca a importância de o professor utilizar o LD como instrumento auxiliar para reflexão geográfica com os alunos. Nessa perspectiva mais uma vez os olhares se voltam para a importante função de escolher o livro didático adequado para o público com o qual irá trabalhar.

A avaliação do livro didático é um aspecto bastante questionado, considerando que não existem critérios definidos e pré-estabelecidos para isso, considerando que o Brasil possui uma extensão territorial muito grande e uma cultura bastante diversificada fica complicado o LD ter seus conteúdos adequados a cada lugar ou região do país em termos de contemplar aspectos relativos ao cotidiano dos alunos. Cabendo ao professor a função de fazer o uso inteligente do mesmo buscando adequá-lo a realidade existente.

Geralmente os livros didáticos de Geografia assim como os de outras disciplinas não costumam passar por uma análise crítica dos professores antes de serem escolhidos e

utilizados, o que se busca a seguir é uma análise mesmo que simplória sobre o livro didático de Geografia do 8º ano adotado pela E.E.E.F. Santa Maria Gorete, localizada em São José de Piranhas-PB, essa análise aborda os aspectos do livro de forma geral, mas em especial os conteúdos abordados pelo mesmo.

Considerando o conteúdo abordado na capa do referido livro o mesmo é bastante coerente, tendo em vista que, as imagens ilustrativas retratam paisagens vistas pelas lentes de um binóculos interagindo com o título “Expedições geográficas”, o que para os jovens leitores mostra-se como algo atrativo, tendo em vista que se adequa a faixa etária a qual é destinado, fica evidente a atitude teórica com relação a Geografia através do título e das imagens.

Por meio de uma análise inicial empírica é possível perceber que a capa do livro permite uma breve leitura do que vai ser trabalhado; considerando o aspecto público alvo a que é destinado a faixa etária, e a realidade sócio econômica dos alunos essa leitura crítica de capa observa-se que o título e a imagem apresentada interagem entre si, e que o mesmo nos remete ao entendimento que somos parte integrantes do espaço geográfico e enquanto sociedade nos organizamos e evoluímos dentro desse espaço e podemos ver todos esses espaços e paisagens através de diferentes “lentes”.

Fazendo referencia a apresentação do livro feita pelos autores Melhem Adas e Sergio Adas a mesma é destinada aos estudantes e também a mesma apresenta-se atrativa, mostrando que os alunos estão sendo convidados a fazerem uma viagem ainda mais desafiadora que a dos dois anos passados, indicando qual percurso será realizado, desde os continentes, oceanos, Estados e população do mundo, como também aspectos econômicos e ambientais do mundo global e por fim o destino final o continente americano ou América, de forma emblemática finalizam a apresentação convidando os alunos a saírem da cadeira e da mesa de estudos para conhecer novos lugares o que é algo bastante convidativo.

Essa coleção possui uma organização que a divide em oito unidades, cada uma com quatro percursos como é definido pelos autores, totalizando assim 32 percursos, os temas priorizados nas unidades são os seguintes: Espaço mundial: diversidade e regionalização; Mundo global: origens e desafios; América: natureza e herança colonial; América: países desenvolvidos; América: países emergentes; América: economias de base mineral; América: economias de base agropecuária; América: projetos de integração.

É possível perceber que o referido livro didático apresenta conceitos geográficos que são priorizados na atualidade tais como: espaço, território, sociedade, diversidade, regionalização e meio ambiente.

De acordo com os Referencias Curriculares do Ensino Fundamental: ciências humanas, ensino religioso e diversidade sociocultural do Governo do Estado da Paraíba (2010, p. 164):

O aprendizado geográfico escolar para além das temáticas que são apresentadas nos livros didáticos, das práticas didático-pedagógicas dos professores em sala de aula e das propostas presentes nos currículos, parte de elementos específicos que orientam a produção do conhecimento em Geografia. Entre esses elementos, destacamos os conceitos e categorias utilizadas na produção do saber geográfico.

Ainda nessa perspectiva os Referenciais Curriculares destacam as categorias fundamentais da Geografia: espaço, região, lugar, paisagem e território. É importante destacar que tal classificação é fruto de perspectivas teóricas que orientarão a elaboração desse documento.

Analisando o livro didático em questão considerando as categorias geográficas é possível identificar que as categorias espaço e território são abordadas logo na primeira unidade a qual trabalha o espaço mundial: diversidade e regionalização, o conceito de espaço é apresentado de forma implícita no conteúdo dos quatro capítulos ou percursos da referida unidade, considerando a definição de espaço de acordo com Milton Santos, o mesmo compreende: “a matéria trabalhada por excelência: a mais representativa das objetificações da sociedade, pois acumula, no decurso do tempo, as marcas das práxis acumuladas”(SANTOS, 2009, p. 33).

No entanto, o conceito de território aparece de forma explícita, acompanhado das definições de estado e nação respectivamente, tais definições têm como fonte teórica os próprios autores da obra, considerando outras definições para tal categoria, a mesma pode ser entendida: “[...] como materialidade e arena dos interesses e das disputas dos atores sociais” (CASTRO, 2010, p. 53). De acordo com Andrade (1998, p. 213), “[...] deve-se ligar sempre a ideia de território à ideia de poder quer se faça referência ao poder público, estatal, quer ao poder das grandes empresas [...]”, seja qual for a relação de poder que se estabeleça em qualquer espaço.

Outra categoria geográfica presente no livro é região a mesma é trabalhada em diferentes capítulos abordando desde a regionalização do espaço mundial: países desenvolvidos e subdesenvolvidos; primeiro, segundo e terceiro mundo; regionalizações segundo níveis de desenvolvimento, o percurso 12 aborda o tema “Outras regionalizações da América, onde define que o continente americano pode ser regionalizado em América do Norte, América Central e América do Sul de acordo com o critério da posição de suas terras.

Além dessa regionalização, outras podem ser realizadas, apoiadas tanto em critérios físicos como em critérios humanos (culturais, econômicos, sociais etc.), apontados pelos próprios autores do livro.

Outro elemento de destaque nessa obra é o meio ambiente, o percurso sete traz como referência essa temática e tem como título “Globalização e meio ambiente”, o mesmo aborda os debates internacionais sobre meio ambiente, principais problemas ambientais do século XXI destacando a degradação dos solos, as queimadas, a ameaça a escassez dos recursos hídricos e a biodiversidade em perigo.

No que se refere à sociedade essa temática aparece basicamente em todos os percursos do livro, faz referência a organização de diversas sociedades, desde aspectos políticos, econômicos etc., problemas sociais existentes na atualidade e as diversidades culturais existentes em diferentes países.

Ainda sobre a análise de conteúdo do livro é possível verificar que grande parte do conteúdo é referente a Geografia humana e uma parte menor a Geografia física de maneira quantitativa cinco (5) capítulos são voltados para conteúdos sobre a parte física da Geografia, dezenove (19) capítulos traz assuntos da Geografia dita humana e oito (8) capítulos apresentam de forma conjunta, ambos os conteúdos, com uma ressalva que é possível perceber que nos mesmos a Geografia humana prevalece sobre a física em relação à quantidade de temas abordados, isso ocorre por que tais capítulos abordam a caracterização espacial de diferentes países, desde os aspectos físicos, econômicos, populacionais e etc.

É importante ressaltar que não queremos fortalecer a ideia de dicotomia entre Geografia física e humana a qual já existe a muitos anos, apenas queremos apresentar os dados analisados de uma forma mais detalhada possível, por isso ressaltamos esse aspecto.

O gráfico a seguir apresenta a divisão de conteúdo do livro analisado em quantidade de páginas, divididas em conteúdo de Geografia física, Geografia humana e extras o qual é formado por textos complementares, atividades, apresentação do livro, sumário, apresentação das unidades entre outros.

De maneira geral o livro em questão possui 304 páginas sendo:

**Tabela 1-** Número de páginas do livro didático analisado.

	Geo.Humana	Geo.Física	Extras	Total
Número de páginas	164	45	95	304
Total (%)	54%	15%	31%	100%

**Fonte:** Organizada pela autora a partir de dados do livro analisado, 2015.

Um aspecto importante a ser ressaltado com relação aos conteúdos abordados no elemento de análise é que o mesmo se apresenta sem veicular preconceito, mostra compatibilidade com os temas da atualidade geográfica desde as problemáticas ambientais do século XXI, até aspectos sociais relevantes como: o racismo e a lei dos direitos civis, segregação, discriminação e pobreza.

Além disso os textos são apresentados de forma bem estruturada de maneira não muito extensa e sempre intercalada de imagens, tabelas, mapas, fotografias, material cartográfico, recursos que complementam as partes textuais e que enriquecem cada capítulo, tanto visualmente, quanto em termos de propiciar informações e conhecimento, é possível perceber que esses elementos são parte integrante do conteúdo e podem ser utilizados também para refletir sobre paisagens ou localidades quaisquer.

Observando a linguagem abordada no livro a qual ressaltamos anteriormente considero-a adequada para a faixa etária dos alunos a que se destina, com uma ressalva o mesmo não apresenta poesias ou músicas o que poderiam servir como elementos contribuintes para que o aluno cresça com relação a compreensão da realidade e da sua relação com o mundo, ao final de cada percurso o livro traz textos complementares na sua maioria são retiradas de revistas, outros de diferentes sites e apenas um tem como fonte o jornal.

Considerando a utilização do livro didático Kimura (2011, p. 26) tece as seguintes colocações:

Se o livro didático for utilizado como material auxiliar de apoio ao trabalho didático do professor, este poderá apoderar-se do mesmo, da mesma maneira como ele pode apropriar-se das diversas mídias. O livro didático será, assim, uma dentre todas as outras mídias. Dessa maneira, esse material poderá apenas fazer parte do acervo de estratégias para elaboração do fazer-pensar do professor, que poderá, assim, construir sua autonomia, não se colocando como um refém do livro didático ou de qualquer outra tecnologia educacional.

Queremos evidenciar a importância do papel do livro didático no processo de ensino aprendizagem, mas destacando a necessidade de fazer uso de novos recursos de ensino no ambiente escolar, principalmente por que a sociedade atual é bastante dinâmica e está inserida em um contexto de sucessivas mudanças, cabendo ao professor o papel de intermediar esse processo é interessante que o mesmo busque subsídios em diferentes fontes.

Muito tenta se entender o livro didático em toda sua essência pela função desempenhada pelo mesmo para sociedade e no espaço escolar. Apesar de todas as críticas e polêmicas que o cerca o mesmo ainda é considerado um componente essencial no cotidiano

escolar brasileiro, em maior ou menor escala de acordo com os espaços e as pessoas que o utilizam como aponta pesquisas realizadas sobre o mesmo.

O que buscamos enfatizar é que o mesmo não pode ser entendido e utilizado como manual ou único recurso eficaz no processo de ensino aprendizagem, por isso buscamos mostrar a necessidade e a importância do docente utilizar novos recursos de ensino que possam atrair a atenção dos alunos e despertar o interesse dos mesmos para os temas abordados em sala de aula, e um dos recursos que podem ser utilizados nesse sentido é a produção do jornal mural experiência que será abordada ao longo do próximo capítulo.



### 3 COMO INTRODUIZIR O “JORNAL MURAL” NA METODOLOGIA GEOGRÁFICA?

A evolução dos meios de comunicação e informação trouxeram inúmeras mudanças para a sociedade, tais mudanças também chegaram ao espaço escolar, com toda essa tecnologia e essas ferramentas diversificadas surgiu a necessidade de incorporá-las ao processo de ensino-aprendizagem, considerando que o mesmo é também um processo evolutivo e que vai sendo ajustado de acordo com as novas exigências postas pela sociedade é necessário integrar a ele novos recursos de ensino.

Nessa perspectiva é importante que na disciplina geográfica sejam introduzidos materiais didático-pedagógicos que permite aos alunos enxergar a disciplina com um olhar mais atraente e interessado. Nesse viés de acordo com Pinheiro et al. (2004, p. 104):

Para romper esse estigma, alguns professores buscam várias maneiras de renovar o ensino. Nas transformações por que passa a escola, com vista a reformulação dos métodos educacionais, os materiais didáticos são importantes no trabalho do professor. Eles se constituem em instrumentos que possibilitam planejar boas situações didáticas, buscando promover a ampliação dos conhecimentos dos alunos permitindo lhes desenvolver conceitos, problematizar questões e articular conteúdo. Para isso, o professor deverá criar situações concretas de aprendizagem.

Nessa perspectiva ressaltamos que os instrumentos utilizados na prática educacional não são os responsáveis pelo êxito do aluno no processo de aprendizagem simplesmente por terem sido utilizados, o que realmente faz a diferença é quando tais equipamentos ou elementos possibilitam a comunicação e ou transmissão de informações que se estabelece alternativas didáticas. Freire e Shor (1986) destacam que:

Aulas centradas no professor, com alunos submetidos á recepção passiva de suas palavras, são comuns em nosso sistema de ensino. O professor cai numa voz sonora maçante para si mesmo e para os alunos e, de certa forma, incentiva a dispersão deles. Até mesmo os auxilia no papel de ouvintes desinteressados. Consideradas de abordagem tradicional de ensino, essas aulas, além de não serem adequadas aos objetivos da educação formal, bloqueando as habilidades reflexiva e investigativa, são formas institucionalizadas de aniquilamento de criatividade, motivação e autonomia dos alunos. (FREIRE e SHOR 1986, p. 154).

É fundamental advertir que o processo de ensino aprendizagem deve ser planejado de forma que o educador deva atuar como mediador desse processo, utilizando-se de seus conhecimentos, mas não pensando como mero transmissor de informações, mas sim como possibilitador de aprendizagem.

Sendo assim a necessidade do professor nesse caso mais especificamente o professor de Geografia avaliar a introdução de novos recursos para o ensino de Geografia, buscando um intercâmbio maior entre os discentes com o espaço geográfico, onde as ferramentas midiáticas em especial o jornal mural possa proporcionar uma estratégia diferente de ensino e consequente estímulo à aprendizagem.

É importante enfatizar que não basta apenas os alunos terem acesso às ferramentas midiáticas, a informação e comunicação, é preciso que o professor saiba selecionar tais informações, de maneira a desenvolver aulas fazendo uso desses recursos mais de maneira eficaz na busca de refletir, entender e até mesmo solucionar problemas do dia-a-dia, estabelecendo uma integração entre a instituição escolar e a realidade tanto local quanto global.

Considerando a realidade escolar da atualidade, bem como o advento da globalização, a expansão da informação e comunicação, proporcionando um mundo no qual vivemos rodeados de diferentes sons e imagens o que atrai cada dia mais a atenção dos jovens, é preciso repensar a escola enquanto um espaço repleto de mudanças, mas para que isso seja possível é preciso que o professor repense e reflita sobre seu papel, objetivando a criação de ações inovadoras, capazes de promover um processo de ensino mais qualificado e exitoso. De acordo com Kaercher (2002, p. 223):

[...] Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares. Devemos fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço na constituição de sua individualidade e da (s) sociedade (s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, objetos, país, etc.).

A renovação no ensino de Geografia, pautada na introdução de novos recursos didáticos pedagógicos é algo importante para fazer com que os alunos enxerguem tal disciplina, com um olhar mais interessado. O ensino de Geografia necessita de novas abordagens didático-pedagógicas em sala de aula, haja vista a recorrente necessidade de uma ressignificação para a Geografia escolar e um elemento rico a ser introduzido nesse processo são os recursos midiáticos e sua inserção em sala de aula.

No que tace sobre as práticas de ensino da Geografia os PCN's (BRASIL, 2001, p. 153), afirmam que:

O ensino de Geografia, de forma geral, é realizado por meio de aulas expositivas ou de leitura dos textos do livro didático. Entretanto, é possível trabalhar com esse campo do conhecimento de forma mais dinâmica e instigante para os alunos,

mediante situações que problematizem os diferentes espaços geográficos materializados em paisagens, lugares e territórios; que disparem relações entre o presente e o passado, o específico e o geral, as ações individuais e as coletivas; e promovam o domínio de procedimentos que permitam aos alunos “ler” a paisagem local e outras paisagens presentes em outros tempos e espaços.

De acordo com Melo et al. (2009), o que faz toda diferença no processo de ensino e aprendizagem não são só os diferentes equipamentos que utilizamos, mas as formas como usamos os mesmos proporcionando a informação e comunicação constituindo uma opção didática, o que faz toda a diferença e torna uma ação educativa é a intencionalidade pedagógica e não a ferramenta utilizada seja ela atual ou não.

O professor tem a sua disposição inúmeras ferramentas midiáticas, de maneira que alternativas metodológicas podem ser traçadas para utilização dessas mídias em sala de aula, tais propostas podem ser desenvolvidas com alunos do ensino Fundamental II, como também do ensino médio, cabe ao professor adaptar os objetivos e questionamentos propostos, bem como adequar o conteúdo à idade e série dos alunos.

Entre tantas novas formas de ensinar e aprender os conteúdos geográficos, a utilização do jornal impresso pode ser destacada como um complemento metodológico, considerando que o mesmo apresenta uma variedade de assuntos abordados e que fazem parte do cotidiano social.

O jornal é um recurso interessante de ser utilizado em sala de aula, pois além de trazer as informações diárias, ele ilustra visualmente o conteúdo a ser explorado o que consiste em uma ferramenta capaz de aproximar o discente do tema proposto.

As informações presentes no jornal podem ser utilizadas nas aulas de Geografia como recurso complementar para o desenvolvimento dos conteúdos geográficos, pois os mesmos abordam diariamente temas do cotidiano desde problemas sociais, ambientais, violência, fenômenos naturais, enfim é possível fazer uso de tais informações, onde as mesmas acrescidas de um aporte teórico adequado proporcionando a construção de conhecimento, e uma das propostas interessantes de trabalhar com o jornal em sala de aula é a produção do jornal mural.

O mesmo pode ser desenvolvido em qualquer período do ano letivo, e no desenvolvimento de qualquer que seja o conteúdo geográfico, cabe ao professor definir o melhor momento de produzi-lo, é importante salientar que para desenvolver tal atividade antes de mais nada é necessário que os alunos conheçam o gênero Jornal impresso, possa manusear, ler, trabalhar a reflexão de notícias dentro dos conteúdos geográficos para desenvolver seu senso crítico da realidade e a partir daí desenvolver a produção de notícias do

seu cotidiano seja com a opção de tema livre ou seguindo um único tema de acordo com o planejamento e os seus objetivos traçados pelo professor.

O jornal mural é uma forma de propor aos alunos um momento de análise e reflexão do espaço geográfico, bem como uma oportunidade de ver os mesmos expondo suas respectivas opiniões sobre coisas, fatos e acontecimentos do dia-a-dia e que podem interferir tanto na escala local, quanto na global, é uma forma de trabalhar a leitura e escrita e despertar o entusiasmo e a criatividade dos alunos, como será apresentado no tópico a seguir.

A produção do jornal mural possibilita inicialmente aos alunos um contato com o texto legítimo, onde o primeiro passo é a leitura da notícia, em seguida são realizadas discussões sobre a notícia lida, visando despertar o senso crítico do aluno, para isso é importante que a notícia selecionada tenha relação com a vivência dos mesmos, a partir desse momento os alunos produzem uma notícia de cunho geográfico e com uma temática que faça parte do seu cotidiano para anexar ao jornal mural.

A partir do desenvolvimento dessa atividade é possível analisar como os alunos se comportam, as diferentes reações desde o momento da leitura das notícias, bem como a participação dos mesmos no trabalho.

A introdução do jornal mural na metodologia geográfica possibilita desenvolver a capacidade leitora e o senso crítico dos educandos, como também incentiva a escrita, além de estimular a expressão e comunicação oral dos alunos através das apresentações e discussões das notícias produzidas, são muitos os aspectos positivos que o desenvolvimento dessa atividade proporciona para a aprendizagem dos alunos.

### **3.1 Construindo o jornal mural no espaço da sala de aula em Geografia**

Na atualidade é perceptível o uso frequente das novas tecnologias de informação e comunicação em praticamente todas as esferas da sociedade. É possível perceber a proliferação de alguns dispositivos digitais, tais como: o computador, a internet, o DVD, a televisão, o retroprojetor, etc. até mesmo as classes sociais menos favorecidas têm acesso a diferentes tecnologias e ferramentas midiáticas. Todas essas novas tecnologias têm acarretado uma crescente velocidade das informações e comunicações. No que tange este aspecto Sampaio e Leite (2011) afirmam que:

Hoje a informação e o conhecimento possuem diversas formas de transmissão e quase todas elas utilizam tecnologia: computadores, satélite, terminal de banco, fax, mídia etc. E mesmo as populações mais desfavorecidas entram em contato com a

maioria destas formas de transmissão de conhecimentos e informação. (SAMPAIO e LEITE, 2011, p. 14).

No que diz respeito ao espaço escolar esta é uma realidade que está presente no mesmo, sendo que esses recursos são cada dia mais introduzido no ambiente escolar os mesmos têm proporcionado mudanças significativas no que faz referência às práticas de ensino utilizadas pelos professores. Desse modo, sendo a escola uma instituição responsável pelo processo de formação de diferentes sujeitos, bem como pelo desenvolvimento intelectual, social e ético dos cidadãos, necessita introduzir novos recursos de ensino que proporcionem melhorias significativas no processo de aprendizagem, de forma a motivar e atrair a atenção dos alunos, bem como possibilitando o desenvolvimento de aulas dinâmicas.

Com o passar do tempo é possível comprovar que o ensino tradicional de Geografia, onde os professores são entendidos como os únicos detentores do conhecimento, e cabe aos alunos na maioria das vezes, decorar conceitos presentes nos livros didáticos, tendo que memorizar muitas das vezes nomes de cidades, países, estados, capitais, rios e etc, não é a maneira eficaz de proporcionar a aprendizagem. Portanto, é preciso extingui esse método de ensino das escolas, pois os estudantes não podem continuar a ser tratados como meros receptores de informações transmitidas pelos professores, o que traduz o espaço das aulas em momentos cansativos e enfadonhos, não despertando e nem estimulando o interesse dos mesmos, no que diz respeito a construção do conhecimento no espaço escolar.

Entretanto é necessário que os educadores repensem seus métodos de ensino, na busca pela introdução de novos recursos de ensino que possibilitem a reflexão sobre a sua prática pedagógica. Considerando a realidade presente no ambiente escolar, portanto é relevante pensar na inserção de recursos midiáticos para o ensino de Geografia, a fim de proporcionar uma maior interação do discente com o espaço geográfico, onde o acesso as informações e notícias possam proporcionar diferentes estratégias de estímulo à aprendizagem.

Uma proposta interessante é a utilização da mídia impressa, o jornal mais especificamente, pois o mesmo pode ser um recurso de ensino muito interessante e produtivo, além de ser algo diferente que foge do comum, das ferramentas utilizadas diariamente, o que a principio já o torna algo atrativo, e por meio da metodologia adequada possibilita o desenvolvimento de diferentes habilidades e capacidades para os educandos.

Nessa perspectiva é que pensamos uma estratégia de ensino diferente pautada na produção de um jornal mural, onde por meio do intermédio do professor os alunos tiveram a oportunidade de refletir sobre eventos e acontecimentos presentes nos seus espaços de

vivência e a partir dessa análise os mesmos produziram notícias, sendo que as mesmas possuem um cunho geográfico.

A instituição de ensino escolhida para ser desenvolvida a pesquisa e a produção do jornal mural foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Santa Maria Gorete a qual está localizada à Rua Inácio Lira, Centro, São José de Piranhas – PB, a referida instituição de ensino na sua estrutura física conta com: 8 (oito) salas de aula, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) sala de informática, 1 (um) almoxarifado, 1 (uma) cantina, 3 (três) banheiros – sendo dois destinados aos alunos e um aos professores e funcionários. O espaço físico é amplo, porém necessita de alguns reparos tendo em vista que o prédio é antigo e está um pouco deteriorado.

A referida instituição de ensino é composta por 82 funcionários, sendo que 32 destes são professores, 18 efetivos e 11 prestadores de serviço e 21 são funcionários de apoio, tem como gestora escolar Uzielma Pereira de Almeida e como secretário escolar Elidinaldo Gabriel Tavares.

A E.E.E.F. Santa Maria Gorete foi fundada pelo padre José Gálea o qual foi enviado por seus superiores a São José de Piranhas, o mesmo tinha perspectivas de compartilhar seus conhecimentos, sua cultura e o amor. Entre tantas as metas que traçou a educação eram primordiais e foram todos esses sentimentos e um olhar voltado às famílias carentes que levaram o Padre a fundar a escola em questão. Para esta realização o mesmo contou com doações vindas da Itália, da Paróquia São José e da Comunidade Piranhense. Motivado por esse sonho e entusiasmo, conseguiu mobilizar as pessoas para a construção de um prédio destinado a esta escola.

A escola Santa Maria Gorete foi fundada no dia 10 (dez) de março de 1962. A princípio esta instituição foi mantida pela paróquia local. Tinha como características ser de fins não lucrativos, de caráter educativo, cultural, beneficente e de assistência social. Sua finalidade era o ensino em setor primário, prestando assistência às crianças pobres e desamparadas dentro de suas possibilidades e na medida em que as circunstâncias permitiam. O Padre José Gálea assumiu a direção da Escola por algum tempo. Outros padres contribuíram para a sua administração dando continuidade aos trabalhos do fundador.

Atualmente a Escola Santa Maria Gorete está em pleno funcionamento, desempenha um trabalho educativo de responsabilidade e atende a 439 (quatrocentos e trinta e nove) alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental dividindo suas atividades entre os turnos manhã, tarde e na modalidade EJA dos anos finais do Ensino Fundamental no turno noite com a quantidade de 76 alunos do 6º ao 9º ano. Atendendo assim, 515 (quinhentos e quinze)

educandos. Todos esses dados específicos, quantidade de alunos, funcionários, entre outros referentes a escola acima citada foram retirados do Projeto Político Pedagógico (PPP), da referida instituição.

A partir da escolha da escola fizemos a escolha da turma na qual seria desenvolvida a ação, a turma em destaque foi o 8º ano “C”, a qual contém alunos tanto da zona rural, quanto da zona urbana, a mesma é uma turma numerosa com 32 alunos, e como toda turma de adolescentes a mesma apresenta uma grande diversidade de personalidades o que representa um aspecto que dificulta o êxito das práticas educativas.

O desenvolvimento e produção do jornal mural foi dividido em algumas etapas, desde a aplicação de um questionário com os alunos da turma 8º “C”, referente a opinião dos mesmos em relação a mídia impressa, sua utilização no espaço escolar e também no cotidiano, bem como o uso do jornal se os mesmos gostam; se tem contato; quais os jornais impressos da Paraíba que os mesmos conhecem entre outros. Todas as perguntas contidas no questionário buscavam de alguma forma identificar até que ponto esses alunos conhecem e utilizam as mídias impressas no dia a dia e se realmente gostam ou utilizam apenas quando necessário.

No primeiro momento após a aplicação dos questionários, ficou evidente através das respostas dos mesmos que havia a necessidade de explicar o que é mídia, quais seus diferentes tipos até chegar ao Jornal impresso, sua história, sua importância, enfim, mostrar aos alunos o porquê de trabalhar com o jornal, a função que o mesmo tem dentro da sociedade para despertar nos mesmos o interesse por esse recurso.

Isso porque quando perguntamos no questionário: Qual o entendimento dos mesmos sobre mídia, a resposta mais encontrada totalizando 42% dos entrevistados foi que não sabiam o que era, além da mesma encontramos respostas em que os alunos associam a mídia a um meio de aprendizagem, bem como também a pessoas famosas, mas também teve aqueles que associaram a mídia a meios de comunicação e informação, como está destacado no quadro 01 algumas das respostas dos alunos. Para manter o sigilo foi omitido o nome dos estudantes, utilizo aluno1, 2, 3 e assim em diante.

#### **Quadro 1- O entendimento dos alunos sobre mídia**

• “Mídia pode se um meio de aprendizagem em formas para todos”. (Aluno 1)
• “Mídia para mim é ter sucesso, por exemplo ter seu nome na mídia ser cantor um ator ou um jogador”.(Aluno 2)
• “Mídia é qualquer tipo de aparelho ou sistema que mim conecta ao mundo”. (Aluno 3)

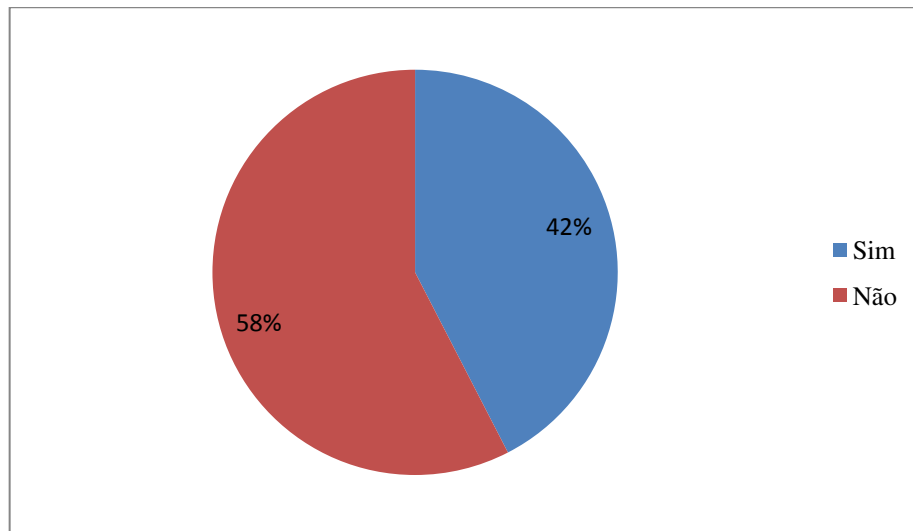
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Mídia é um jeito mais fácil pra gente ficar mais informado e atualizado sobre o que acontece no Brasil”. (Aluno 4)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Mídia para mim são os tipos de comunicação: internet, tv, jornais e rádio”. (Aluno 5)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Mídia é uma coisa que mostra os fatos e acontecimentos ao redor do mundo”. (Aluno 6)</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• “Todos os tipos de mídia envolvem música, rádio, internet, jornal etc. A mídia para mim serve como ferramenta para estarmos atualizados com o mundo”. (Aluno 7)</li> </ul>

**Fonte:** Informações coletadas durante a pesquisa/2016.

De acordo com as respostas apresentadas é possível destacar que o entendimento dos alunos a respeito do significado da mídia é um tanto confuso, apenas uma pequena parcela dos entrevistados, de fato, atribuíram um significado condizente com o real sendo necessário um esclarecimento prévio do mesmo antes da realização de qualquer ação prática.

Ainda nessa perspectiva indagamos também se os alunos já haviam lido algum jornal, o resultado das respostas foram, transformados no gráfico 01 apresentado a seguir:

**Gráfico 01-** Já leu algum jornal?



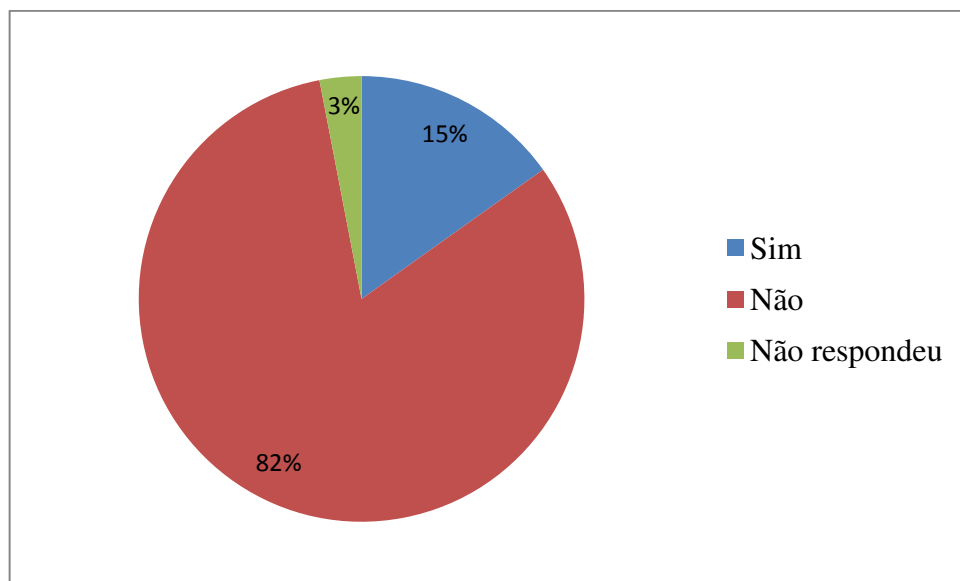
**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

A partir dos dados encontrados ficou perceptível que a maioria dos alunos o que corresponde a 58% não tiveram acesso a leitura de nenhum jornal impresso anteriormente isso pode ser atribuído ao fato de não existir um jornal impresso em circulação na cidade como também pelo fato de ser o jornal impresso um recurso quase nunca foi utilizado no espaço escolar do estabelecimento de ensino em estudo.



As respostas dos alunos demonstram que a utilização do jornal em sala de aula consiste em um desafio para o professor, por trazer para a sala de aula um recurso que não é novo já existe a muitos anos, mas para boa parte dos alunos será novidade, pois irão manuseá-los pela primeira vez, bem como é desafiador fazê-los aceitar tal ferramenta, tendo em vista que aquilo que é diferente na maioria das vezes é alvo de críticas. Outro aspecto abordado foi sobre a utilização do jornal impresso nas aulas de Geografia ou das demais disciplinas, tendo os resultados representados no gráfico 02.

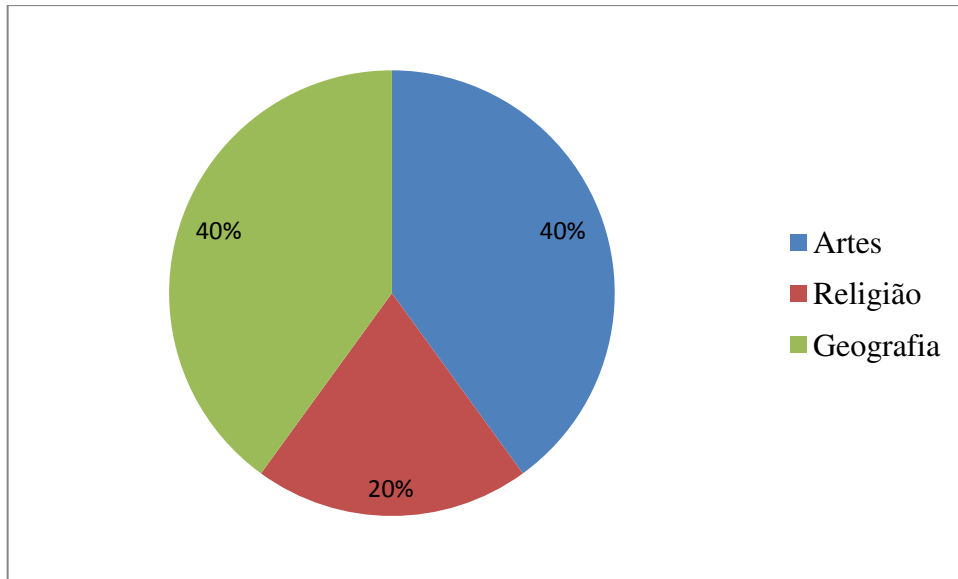
**Gráfico 02-** O jornal impresso já foi utilizado nas aulas de Geografia ou de outras disciplinas?



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Como apresenta o gráfico, 82% dos alunos que participaram dos questionários responderam que o jornal impresso nunca foi utilizado nas aulas de Geografia e nem de outras disciplinas e apenas 15% dos alunos disseram que sim, já fizeram uso do jornal impresso na sala de aula, o que representa uma porcentagem pequena considerando que a pergunta feita engloba todas as disciplinas. Nessa perspectiva é possível classificar o jornal impresso como um recurso pouco utilizado no espaço da sala de aula não somente nas aulas de geografia como também nas aulas das demais disciplinas escolares, de forma complementar a essa pergunta pedimos também que os alunos que responderam de forma positiva a questão anterior especificasse em qual disciplina trabalhou com o uso do jornal.

**Gráfico 03-** Disciplinas que já trabalharam com o uso do jornal

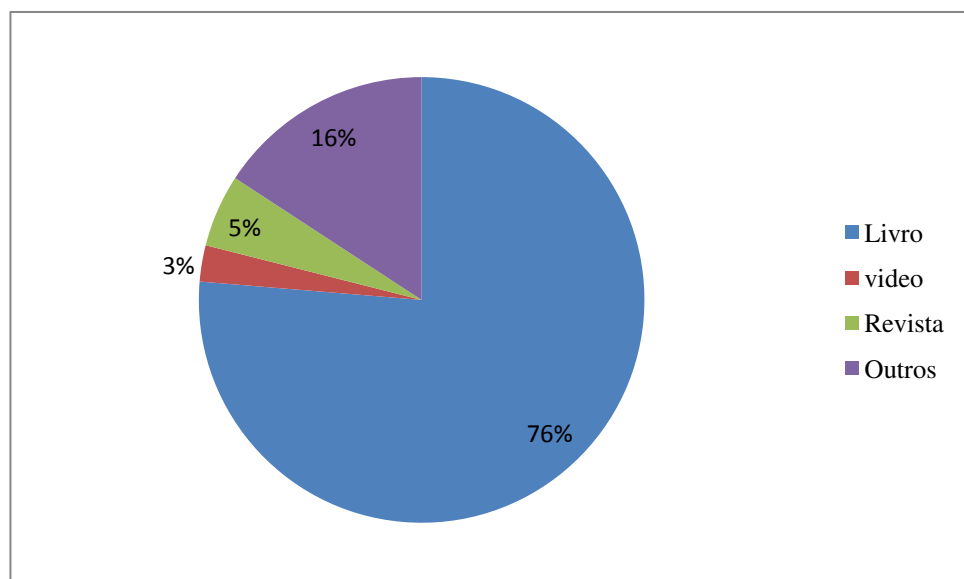


**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

É possível identificar que dentre os 15% dos alunos que afirmaram que alguns professores já desenvolveram algum tipo de atividade utilizando o jornal em sala de aula esses breves momentos ocorreram nas disciplinas mostradas, sendo que 40% trabalharam com o jornal nas aulas de Arte, 40% nas aulas de Geografia e 20% nas aulas de Religião.

Entretanto o uso do livro didático em sala de aula ainda é priorizado, isso fica aparente quando indagamos os alunos sobre o recurso de ensino mais utilizado nas aulas de Geografia como esperado o livro didático teve grande destaque como mostra o gráfico a seguir:

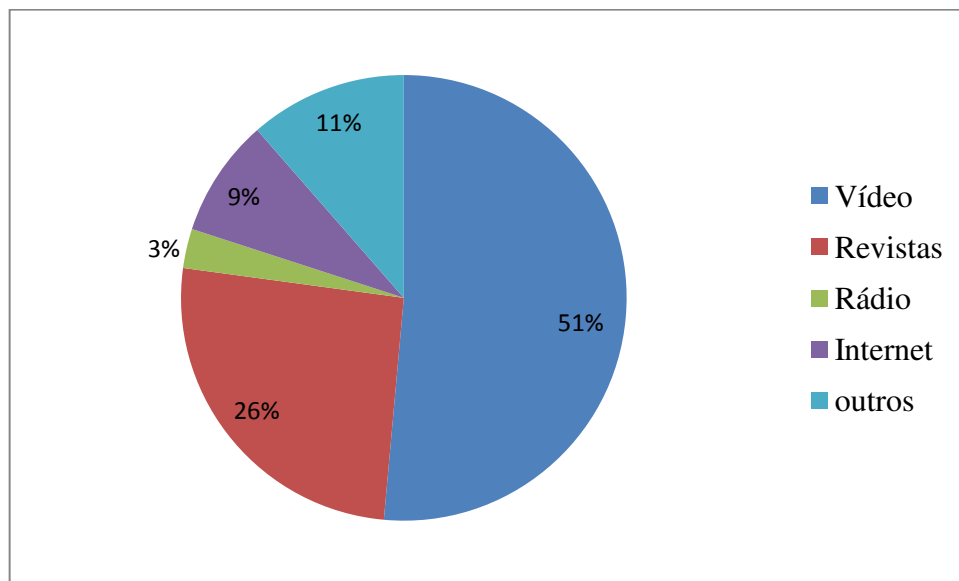
**Gráfico 04-** Recursos de ensino utilizados nas aulas de Geografia



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Quando abordado o aspecto tipos de mídias mais utilizados pelos professores em suas aulas identificamos que os vídeos são mais frequentes representando (51%), seguido das revistas (26%), internet (9%), rádio (3%) e os 11% restante responderam ferramentas diversificadas o que caracterizou porcentagens pequenas, por isso foram englobadas em uma única opção (outros). Por meio desses dados é possível identificar que as mídias impressas são pouco utilizadas.

**Gráfico 05-** Recursos midiáticos mais utilizados pelos professores em sala de aula



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Dando seguimento a construção do jornal mural, após a aplicação do questionário e a avaliação do mesmo, foi possível traçar o roteiro das ações posteriores, como citado antes através dos dados obtidos a necessidade de esclarecer a história da evolução da mídia bem como do jornal impresso, e o papel que o mesmo desenvolve na sociedade sendo imprescindível.

Nesse sentido então através de slides foi apresentado aos alunos toda essa evolução das mídias, dos meios de comunicação e informação de forma dinâmica, buscando todo tempo envolve-los em discussões e alternando as mesmas com apresentação de imagens e vídeos.

**Imagem: 01** - Apresentação de vídeo sobre a história do jornal impresso, em outubro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

**Imagem: 02** – Discussão sobre a evolução das mídias com destaque para o jornal impresso, em outubro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Após esse momento de exposição e diálogo sobre a temática, realizamos o primeiro contato dos alunos com diversas edições de jornais de circulação no estado da Paraíba, nesse momento realizamos rodas de leitura, para que os mesmos pudessem observar e identificar, nos mesmos os aspectos e características as quais tinham sido apresentados nas aulas passadas, esse momento foi importante e proveitoso por que como apresentado no gráfico 01 58% dos alunos jamais haviam lido um jornal antes.

**Imagem: 03** - Alunos do 8º “C” realizando leitura de jornais, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

**Imagem: 04** - Alunos do 8º “C” realizando leitura de jornais, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

No terceiro momento pedimos para que os alunos analisassem as edições de jornais e seus respectivos livros didáticos de Geografia, elencando semelhanças e diferenças entre ambos, apresentando suas constatações de forma escrita, o resultado foi muito proveitoso, dentre as características mais citadas temos: Ambos trazem informações; aprendemos coisas diferentes e importantes com os dois recursos; o jornal apresenta informações, notícias do dia-a-dia, enquanto o livro traz informações e conceitos que permanecem atuais mesmo com o passar do tempo; o LD e o jornal impresso são muito diferentes com relação a estrutura, o jornal apresenta texto curtos em forma de colunas e com imagens grandes para ilustrar as notícias, o LD traz textos mais extensos também utiliza de imagens ilustrativas, mas diferente dos jornais; considerando a durabilidade o LD tem uma vida útil maior que o Jornal impresso tendo em vista que o jornal impresso em muitos casos acaba virando um produto descartável.

**Imagem: 05** - Alunos analisando e elencando características e diferenças entre o LD e o jornal, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

**Imagem: 06** - Alunos analisando e elencando características e diferenças entre o LD e o jornal, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Em seguida fazendo uso de jornais impressos solicitamos novamente que os alunos realizassem a leitura das notícias presentes naquelas edições e destacassem as notícias que possuíssem um cunho geográfico, a partir da escolha e separação dessas notícias destacamos que é possível trabalhar com o jornal impresso nas aulas de Geografia, porém analisamos as informações e interligando-as com os conteúdos não esquecendo de que a partir de um olhar crítico compreendendo o que está presente nas notícias é possível obter a construção de conhecimento.

Dentre os objetivos traçados para este trabalho está refletir a dimensão midiática da sociedade, especialmente seu potencial para veiculação de informações de cunho geográfico, pensando nisso considera-se importante a análise sistemática de caráter geográfico, de notícias, veiculadas pelos jornais e suas contribuições no ensino de Geografia.

Essa análise ocorreu da seguinte maneira: inicialmente buscou-se um tema que fizesse parte do cotidiano dos alunos, em virtude da problemática da escassez de chuvas na região e que a cidade já está passando por racionamento de água, considerou-se importante trabalhar sobre a seca na Paraíba, como uma forma de chamar atenção dos alunos para a realidade existente e também mostrar que o jornal tem uma função importante de informar a sociedade.

Em seguida foi apresentada a notícia retirada do jornal Correio da Paraíba, publicada no dia 22 de setembro de 2015, a qual tem como tema: “Meteorologista prevê que El niño vai trazer mais seca para Paraíba em 2016”, ao longo deste trabalho buscou desfazer a ideia de que o livro didático seja considerado único recurso utilizado em sala de aula, como também que o mesmo é detentor da verdade absoluta, enfim todos esses “clichês” relacionados ao LD, pois o que queremos é justamente reconhecer a importância de novos recursos de ensino nas aulas de Geografia.

Os textos jornalísticos podem ser utilizados, tanto como único recurso de ensino quanto de forma complementar nas aulas, podem interagir muito bem com os textos didáticos, nesse caso tal notícia se encaixaria muito bem com os conteúdos geográficos abordados no capítulo sete do livro Expedições geográficas do 8º ano o qual tem como título Globalização e meio ambiente e dentre os temas abordados está a ameaça de escassez de recursos hídricos.

No livro didático a escassez de recursos hídricos é abordada fazendo referência a esfera global, mas por meio do texto jornalístico e dos conhecimentos cotidianos é possível, trazer esse fato para a realidade local, analisando a situação atual dos reservatórios de água no município.

Através dessa notícia é possível abordar diferentes assuntos que se fazem presentes na mesma, o fenômeno El niño, o clima da Paraíba, as grandes secas que ocorreram na Paraíba, a escassez de água na atualidade entre outros. No entanto, focamos na estiagem que vem ocorrendo nos últimos anos, em todo estado e de forma específica em nossa cidade, discutimos e refletimos como esse problema tem afetado a população piranhense tanto da zona rural, quanto da zona urbana; qual a relação do nosso clima com essa realidade da falta de chuvas; quais os principais fatores responsáveis por isso e quais medidas podemos tomar para amenizar essa situação.

Por meio de tais reflexões foi possível trabalhar diferentes conceitos como: clima, meio ambiente, seca, recursos hídricos, espaço geográfico entre outros, correlacionando as informações adquiridas na matéria jornalística com os conteúdos ministrados em sala de aula, bem como com o espaço vivido de cada aluno.

Os usos de recursos diversos nas aulas de Geografia enriquecem o aprendizado, além de ser algo importante, considerando que a sociedade se torna cada dia mais dinâmica, o que exige de o professor saber lidar com diferentes linguagens que possam ser utilizadas para análise geográfica. Como aponta Callai: “filmes, vídeos, clipes musicais, músicas, artigos de revistas, jornais podem nos levar ao conteúdo da disciplina, exigindo-se do professor que tenha os referenciais teóricos e metodológicos da sua ciência” (2003, p. 88).

Sendo assim reconhecida a relação do jornal impresso com os conhecimentos geográficos teve início então a produção do mural, no qual, seriam anexadas às notícias produzidas pelos alunos, os materiais utilizados para a confecção do mesmo foram: isopor, EVA com glitter e sem glitter, e cola quente, tesoura entre outros, o mesmo foi produzido pelos próprios alunos, os quais usaram a criatividade e suas próprias ideias, ficou perceptível a alegria e o entusiasmo dos mesmos na realização dessa atividade.

**Imagem: 07** - Alunos realizando a produção do mural, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

**Imagem: 08** - Alunos realizando a produção do mural, em novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Na sequência teve início a produção das notícias, a turma foi dividida em equipes que poderiam ter até cinco integrantes, para que de forma livre pudessem escolher uma temática

que fizesse parte do seu cotidiano e que tivesse uma relação direta com os conteúdos geográficos para produzir uma notícia para o jornal mural.

O trabalho teve início na sala de aula cada equipe foi debatendo e escolhendo o tema que seria abordado, e assim dividiram-se as funções, quem seria responsável pelo texto, quem iria á campo tirar as fotos para enriquecer a notícia, todo esse processo durou duas semanas para ser finalizado, os alunos tiveram algumas dificuldades para escreverem os textos. Entretanto destaque foi o entusiasmo da maioria da turma ao falarem de problemas dos seus respectivos Bairros, Sítios na zona rural, enfim da realidade a qual fazem parte e gostariam que melhorasse. Nessa perspectiva Ponthuschka (et al., 2009, p. 26) diz que:

O trabalho pedagógico na disciplina geografia precisa permitir ao aluno assumir posições diante dos problemas enfrentados na família, no trabalho, na escola e nas instituições de que participa ou poderá vir a participar, aumentando seu nível de consciência sobre as responsabilidades, os direitos sociais, afim de efetivamente ser agente de mudanças desejáveis para a sociedade.

Nesse sentido as temáticas escolhidas pelos alunos deveriam fazer parte do cotidiano deles, mas também estar relacionado aos conteúdos geográficos presentes no livro didático e assim como foi abordado no capítulo dois desse trabalho o livro de geografia do 8º ano aborda conteúdos sobre população, economia, problemáticas ambientais, enfim é bastante diversificado, no entanto toda a turma optou por trabalhar as questões ambientais, poluição, desmatamento, lixo entre outros, relacionando-os aos problemas que os mesmos ocasionam para a sociedade, tais escolhas podem ser consideradas como um aspecto relevante para a aprendizagem e para a formação cidadã dos alunos.



**Imagem: 09** - Produção das notícias para o jornal mural, em Novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

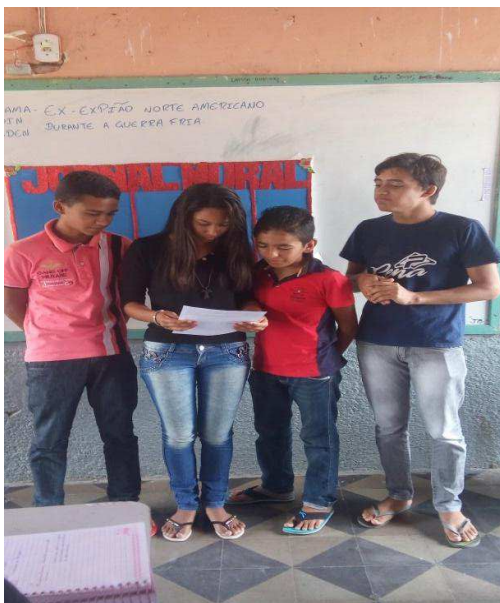
**Imagem: 10** - Produção das notícias para o jornal mural, em Novembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Estando escritos os textos, os mesmos passaram pelas devidas correções ortográficas e então foram digitalizados no formato de folhetos de jornal com as imagens que cada equipe trouxe, em seguida cada grupo apresentou sua notícia e anexou a mesma no mural.

**Imagem: 11** - Alunos apresentando as notícias que os mesmos produziram, em dezembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

**Imagem 12** - Alunos apresentando as notícias que os mesmos produziram, em dezembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

As apresentações das notícias produzidas pelos alunos representa um momento importante no desenvolvimento do trabalho, nesse momento cada equipe realizou a leitura da notícia que produziram e ao final de cada apresentação fizemos as discussões sobre o tema abordado, e ao encerrar todas as apresentações abrimos espaço para que os alunos pudessem se manifestar sobre os aspectos positivos e negativos da produção do jornal mural, a maioria dos alunos considerou algo construtivo e proveitoso para o processo de ensino aprendizagem.

### **3.2 A contribuição da mídia impressa (“O jornal mural”) para o processo de ensino e aprendizagem geográfico.**

No que refere se a Geografia, o emprego de recursos diferentes, possibilita novas aquisições de saberes, também gera uma aula dinâmica, mais participativa e atraente para os alunos. É preciso que os educadores possibilitem a ressignificação no que refere se aos conteúdos abordados em sala de aula, incluindo em suas aulas recursos midiáticos que contribuam para as atividades educativas, proporcionando a interação dos discentes com os conteúdos apresentados no ambiente escolar.

Sabemos que existem diferentes tipos de mídias, no entanto o nosso foco nessa pesquisa é aquela classificada como mídia impressa e de forma específica o jornal impresso o produto analisado ao longo desse trabalho, segundo Faria (2013), o jornal caracteriza-se por ser uma fonte primária de informação, sendo um elemento importante para o leitor posicionar-se e inserir em um contexto social e profissional. Isso porque o mesmo apresenta uma variedade grande de conteúdo, contemplando sua função de objeto de comunicação.

A leitura do jornal impresso possibilita conhecer diferentes posturas ideológicas sobre um mesmo fato ou acontecimento, e adotando atitudes fundamentadas aprendendo a considerar diferentes pontos de vista, algo necessário para a nossa formação tendo em vista a sociedade democrática na qual estamos inseridos.

A mesma autora ainda acrescenta que a leitura do jornal quando bem dirigida disponibiliza para a sociedade leitores críticos e experientes preparados para desempenhar seu papel social. Enquanto recurso de ensino o mesmo contribui para o processo de ensino aprendizagem, considerando que dentre os aspectos positivos alcançados é possível destacar o desenvolvimento das capacidades intelectuais como também o crescimento da cultura dos alunos.

Considerando que vivemos em uma sociedade cada dia mais, tecnológica trabalhar a leitura com os alunos traz uma aparente rejeição isso devido ao encurtamento dos textos e

palavras nas conversas pelas redes sociais e algumas ferramentas de comunicação que se tornam mais frequentes na atualidade, com todo esse contexto utilizar-se de textos, exercitar a leitura em sala de aula é hoje um desafio, principalmente se esse possuir uma linguagem rebuscada, um pouco mais afastada da realidade dos alunos, o que não facilita o entendimento dos discentes. Entretanto o jornal poderia ser uma opção de incentivo a leitura considerando que sua linguagem é acessível e o mesmo aborda acontecimentos presente no cotidiano dos alunos. Nesse viés Augusto (2004, s/p), aponta que:

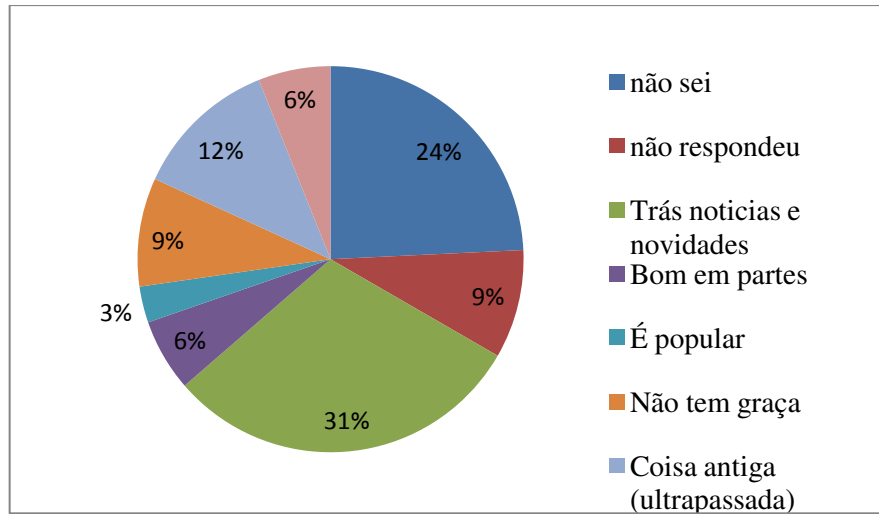
Em tempos de interatividade via telefone celular, internet, fazer com que as crianças se interessem pela leitura de jornais não é tarefa das mais fáceis, mas certamente é fundamental para formar leitores habituais e cidadãos bem informados. Trazendo textos com características distintas, fotografias e recursos gráficos, os jornais são uma fonte respeitada para pesquisa e para a obtenção de informações sobre o mundo atual. Além disso, eles se modernizaram e passaram por reestruturações gráficas e editoriais para proporcionar leituras mais agradável do seu conteúdo.

De forma complementar a tudo que foi exposto são as colocações de Pavini (2002, p. 25): “A imprensa escrita, diária e local oferece diversas possibilidades a criança e ao adolescente de exercitarem variadas formas de aprendizagem tendo como base temas da atualidade [...]”.

O uso do jornal no espaço da sala de aula é algo pertinente, principalmente se o mesmo for feito na disciplina geográfica, a inserção desse material como aporte teórico-metodológico pode aproximar os conteúdos presentes no livro com a vida cotidiana dos educandos, tornando os temas abordados mais significativos e interessantes.

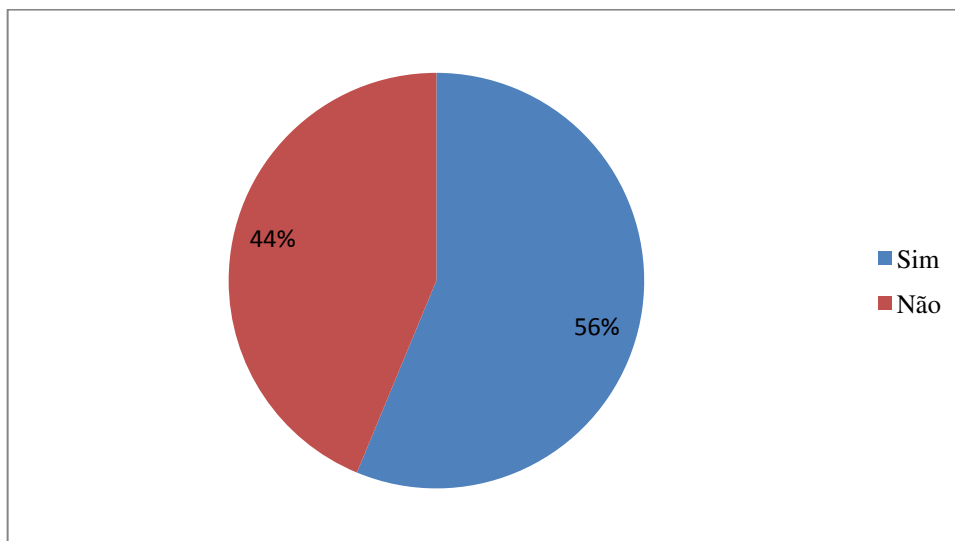
Nessa perspectiva Kaercher (2000) em seu artigo “Geografizando o jornal e outros cotidianos: práticas em Geografia para além do livro didático”, ressalta a importância de utilizar o jornal no espaço da sala de aula, na intenção de mostrar a cotidianidade do espaço geográfico em nossa vida.

Trabalhar com o jornal impresso nas aulas de Geografia não é tarefa fácil primeiramente por que inicialmente os alunos apresentam uma certa resistência em relação a esse recurso, isso ficou claro e evidente através das respostas dadas pelos mesmos nos questionários, quando indagados sobre a opinião que teciam com relação ao jornal impresso, as respostas mais recorrentes foram as seguintes:

**Gráfico 06-** Opinião com respeito ao jornal impresso

**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Como é possível perceber a opinião dos alunos se divide com respeito ao jornal impresso, onde 31% apontam que o mesmo é transmissor de notícias e novidades, para 3% deles é algo popular, 6% o consideram bom em partes, 6% acham que ele é importante, entretanto para 9% o mesmo não tem graça e para outros 12% o jornal é uma coisa antiga (ultrapassada), os que não souberam ou não quiseram responder somaram 41%. Esse levantamento demonstra o desinteresse dos mesmos com relação ao uso dessa ferramenta, o que consiste em um dos desafios encontrados pelo professor ao utiliza-lo em sala de aula, primeiramente é preciso mostrar a sua história e respectiva importância para os alunos compreenderem o valor desse recurso. Complementar a isso também foi perguntado aos alunos se os mesmos gostariam de trabalhar com o jornal impresso nas aulas de Geografia.

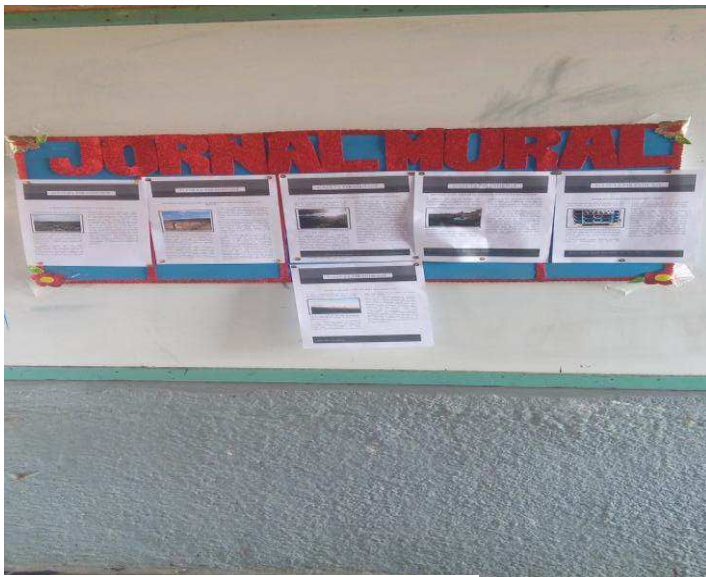
**Gráfico 07-** Gostaria de trabalhar com o jornal nas aulas de Geografia?

**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Como podemos analisar as opiniões apresentadas por meio do gráfico apesar da maioria afirmar apresentar um interesse em trabalhar com o jornal impresso na disciplina geográfica, a porcentagem negativa é um tanto significativa, mas apesar desse receio o que pôde ser comprovado é que com o desenvolvimento dessa ação, a produção do jornal mural os alunos mostraram uma boa participação e um ótimo desempenho, e expressaram muita criatividade na produção do mural e principalmente na escolha do tema e elaboração dos textos.

Segundo relatos dos próprios alunos na etapa final quando cada equipe apresentou a notícia produzida então realizamos um espaço de discussão e contextualização, onde foi possível comprovar que os mesmos identificaram-se com esse trabalho principalmente pelo fato de estar sendo abordado o cotidiano dos mesmos, o espaço de vivência de cada um, o que proporciona essa identificação como também desperta um interesse maior.

**Imagem: 13** - Finalização e exposição do jornal mural, em dezembro de 2015.



**Fonte:** Silva, São José de Piranhas, 2016.

Intercalando todos esses acontecimentos com a grandiosidade de ser educador Silva (2002, p. 81) nos faz refletir sobre o ato de ensinar onde aponta que o mesmo deve:

Passar de um modelo que privilegia a lógica de instrução, da transmissão e assimilação da informação para um modelo pedagógico cujo funcionamento se baseia na construção colaborativas de saberes, na abertura aos contextos sociais e culturais, a diversidade dos alunos, aos seus conhecimentos, experimentações e interesse.

À medida que os alunos são estimulados a pensar, refletir sobre o espaço a sua volta e transformar suas vivências, experiências e opiniões em textos sejam eles jornalísticos ou não, isso possibilita a construção de conhecimentos, mas também promove a comunicação, um elemento tão importante no ambiente escolar como também no processo de ensino aprendizagem. Na concepção de Severino (2002, p. 48-49):

A comunicação se dá quando da transmissão de uma mensagem entre um emissor e um receptor. O emissor transmite uma mensagem que é captada pelo receptor. Com efeito considera-se o emissor como uma consciência que transmite uma mensagem para outra consciência que é o receptor. Portanto a mensagem será elaborada por uma consciência e será igualmente assimilada por outra consciência. Deve ser, antes de mais nada, pensada e depois transmitida. Para ser transmitida, porém, deve ser antes mediatizada, já que a comunicação entre as consciências não pode ser feita diretamente; ela pressupõe sempre a mediatização de sinais simbólicos. Tal é, com efeito, a função da linguagem. Assim sendo, o texto-linguagem significa, antes de tudo, o meio intermediário pelo qual duas consciências se comunicam.

Dentre tantas contribuições da mídia impressa para o processo de ensino aprendizagem podemos citar o desenvolvimento da comunicação, tanto entre os próprios alunos, como também entre professor-aluno, os meios de comunicação, a exemplo do jornal nos aproxima de espaços diferenciados, nos possibilita interligar escalas de análise geográfica (do local ao global) o que dificilmente é feito nas atividades didáticas pedagógicas em geografia. Nesse sentido Ponthuschka (et al., 2009, p. 23) diz:

A nosso ver, o trabalho em sala de aula precisa permitir ao aluno a compreensão do espaço geográfico. Para tanto, há necessidade de um diálogo permanente com o próprio espaço para que o aluno amplie sua visão de mundo, conheça e reconheça seu papel na sociedade tecnológica e computacional em uma economia e cultura mundializados.

Nesse viés a mídia impressa oferece ao professor um rico material a ser abordado no espaço das aulas de Geografia, pois apresenta os principais acontecimentos, do nosso cotidiano de maneira rápida e atualizada, somando a isso o jornal é um material de aprendizado de fácil acesso, o que facilita a sua utilização em sala de aula, o mesmo ainda pode servir como uma fuga de textos conteudistas do próprio livro didático, no qual muitos professores se prendem e utilizam como “Bíblia”, inserir os recursos midiáticos no espaço da sala de aula de forma construtiva depende apenas de enxerga-los de uma nova forma e fazendo uso de uma boa proposta metodológica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a disciplina geográfica foi alvo de críticas, e até hoje parte dos alunos apresentam um descontentamento em estudá-la, isso pôde ser comprovado ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa e até mesmo em algumas respostas dadas pelos alunos no questionário aplicado, tal acontecimento pode ser atrelado a um determinado “formalismo didático”, que em alguns casos ainda existente e leva os alunos a serem meros reprodutores do que escutam, um tipo de estudo mecanizado.

Nesse viés o desenvolvimento de práticas pedagógicas integradas a ferramentas da comunicação e informação possibilita estabelecer as relações entre a escala local e a escala global, ao tempo que provoca o interesse dos alunos os quais são partes integrantes da sociedade da informação. Nessa perspectiva a Geografia pode utilizar de práticas pedagógicas vinculadas às ferramentas midiáticas com interesse de proporcionar aulas mais interessantes e diversificadas, possibilitando uma nova dinâmica para o processo de ensino aprendizagem.

A mídia exerce um papel de grande influência sobre a sociedade, ditando regras, padrões de vida e beleza, comportamentos adequados e etc, é preciso ter clareza que nem todas as informações que são veiculadas pelos diversos tipos de mídia correspondem a verdade absoluta, sabemos que as informações que chegam até nós, passam por diferentes agentes e que na maioria das vezes as mesmas são manipuladas para atender aos interesses da elite da sociedade. Entretanto, essa mesma mídia também apresenta seu lado positivo, podendo ser utilizada como recurso de ensino e fonte de construção de conhecimentos, por meio da mediação do professor, fazendo uso das informações postas pela mesma de maneira crítica e reflexiva.

Considerando a história do jornal impresso, o mesmo não é um recurso novo, sua existência data de muitos anos atrás, no entanto o mesmo continua atual, pois aborda fatos e acontecimentos ocorridos diariamente, além de apresentar uma linguagem acessível o que facilita o entendimento dos alunos, todas essas características demonstram a importância de utilizarmos esse recurso em sala de aula atrelados a isso ainda temos o fato de que, a cada dia que passa os educandos necessitam mais de exercitar a leitura e escrita, tendo em vista que a sociedade tecnológica na qual estamos inseridos, os textos escritos e lidos no nosso cotidiano estão se restringindo as mensagens nas redes sociais escritas com palavras e frases incompletas (abreviadas).

A utilização do jornal impresso como recurso de ensino nas aulas de Geografia não é tarefa fácil para o professor, como apontado no trabalho os alunos inicialmente apresentaram

um determinado receio com relação ao mesmo, isso porque grande parte dos educandos desconhece ou não utilizam tal recurso no seu cotidiano, outros o consideram mesmo como algo “velho”, “ultrapassado”, sem importância, a princípio essa resistência por parte de alguns alunos caracterizou um aspecto negativo entretanto ao longo do desenvolvimento do trabalho isso foi superado e os resultados alcançados foram muito positivos.

A inserção de práticas pedagógicas diferenciadas no espaço escolar representa um desafio para o professor, pois é mais cômodo seguir as instruções presentes no livro didático e a ele prender-se do que repensar novas metodologias e recursos de ensino, entretanto como ficou evidente nesse trabalho o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas trazem resultados extremamente positivos para o desenvolvimento da aprendizagem, proporciona ao professor refletir o seu papel de formador de cidadãos críticos, possibilitando aos alunos desenvolverem habilidades de leitura, escrita, comunicação e reflexão do espaço do qual são parte integrante.

A proposta de trabalhar a mídia impressa (“o jornal mural”) em sala de aula é também uma opção de quebrar os paradigmas de que a disciplina geográfica é mnemônica e descritiva de fatos e coisas, pelo contrário a mesma é uma ciência crítica, reflexiva e dinâmica, e a metodologia do jornal mural representa muito bem as verdadeiras características da Geografia, trazendo uma prática pedagógica em que o aluno é levado a refletir sobre o seu espaço de vivência como também entender a realidade partindo do local para o global.

Por fim a utilização do jornal em sala de aula possibilita aos alunos a construção de novos conhecimentos através da leitura, permite relacionar as experiências vivenciadas pelos mesmos com as notícias apresentadas, além de ser um mediador entre a escola e as esferas local e global, enquanto para o professor o mesmo constitui-se em um material pedagógico atualizado e desafiador instigando o mesmo a buscar a melhor maneira de utilizar esse recurso na sala de aula. O jornal em si não apresenta apenas informações de cunho geográfico, mas com a orientação do professor e utilizando de um aporte teórico adequando tais informações podem ser transformadas em conhecimentos geográficos, é preciso enxergar que o jornal enquanto recurso de ensino é um instrumento que enriquece a atividade pedagógica, tendo em vista que proporciona a construção de conhecimentos.

Enfim, almejamos que as reflexões e análises desenvolvidas nesse estudo possam contribuir para discussões voltadas ao ensino de Geografia, abrindo novos caminhos e possibilidades para o desenvolvimento da disciplina geográfica mais ativa e atraente construindo novos conhecimentos geográficos e despertando a consciência crítica e cidadã dos educandos.



## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu. **Padrões de manipulação na grande imprensa**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

ANDRADE, Manuel Correia de. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: (Org.) SANTOS, Milton; SOUSA, Maria Adélia A. de; SILVEIRA, Maria Laura; **Território: Globalização e fragmentação**. 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998, p. 213-221.

ANGELO, Maria Deusia Lima. Os primeiros autores de livros didáticos no Brasil. In: **A Geografia escolar brasileira e os autores de livros didáticos: Uma análise de obras publicadas no final do século XIX**. Monografia (Bacharel em Geografia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011, p. 40-49.

ASSENCIO, Sadro. **Trabalho e comunicação: a categoria Fundante da sociabilidade humana em Marx e Habermas**. (Dissertação Mestrado) Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. : Disponível: <[http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo\\_7184.html](http://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7184.html)> Acesso em outubro de 2016.

AUGUSTO, Agnes. Jornal na sala de aula: leitura e assunto novo todo dia. In: **Revista Nova Escola**. Publicado em Setembro de 2004. Disponível em <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/jornal-sala-aula-423555.shtml>> Acesso em: 13 de Novembro de 2015.

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: (org.) ABREU, Márcia. **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado das Letras, 1999, p. 529-575.

BOMÉNY, M.H.B. O livro didático no contexto da política educacional. In: OLIVEIRA, J.B.A.et.all. **A política do livro didático**. São Paulo, Summus, 1984.

BORDENAVE , Juan E. Díaz. **O que é comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 8.460, de 26 de Dezembro de 1945**. Câmara dos Deputados. Brasília. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8460-26-dezembro-1945-416379-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em Outubro de 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.006, de 30 de Dezembro de 1938**. Câmara dos Deputados, Brasília. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1006-30-dezembro-1938-350741-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em outubro de 2015.

BRASIL. Ministério da Administração e Reforma do Estado. In: **Plano diretor da reforma do aparelho do Estado**. Brasília, 1995.

BRASIL, Presidência da República. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia - PCN's**. Ministério da educação. Secretaria de Educação Fundamental. 3 ed. Brasília, 2001. 166p.

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Geografia**. Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998. 156 p.

CALLAI, H. C. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. (org). **Ensino de Geografia: Práticas e textualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CARNEIRO, Maria Helena da Silva; SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; MÓL, Gerson de Sousa. **Livro didático inovador e professores : uma tensão a ser vencida** . Ensaio-pesquisa em Educação em Ciências vol. 07/ número 02 Dezembro 2005. Disponível: <<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/ensaio/article/viewArticle/93>>. Acesso Junho 2015.

CASTELLAR, Sônia; VILHENA, Jerusa. **Ensino de Geografia**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia e Política: Território, escalas de ação e instituições**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COSTELLA, A. F. **Comunicação em debate**. São Paulo: Editora moderna, 2007.

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **O jornal na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

\_\_\_\_\_. **Como usar o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2013.

FERREIRA. Joseane Abílio de Sousa. Introdução: o percurso da pesquisa. In: **Os exercícios no livro didático de Geografia no Brasil: mudanças e permanências (1880-1930)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012.

FRANCO, M.L.P. A política do livro didático a nível da legislação. São Paulo: Plural, Jul/ Ago, 1980. In: FREITAG, Barbara: et.al . **O Livro didático em questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. In: **Medo e Ousadia: O cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

FREITAG, Barbara: et.al . **O Livro didático em questão**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.

GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA. **Referenciais Curriculares do Ensino Fundamental: ciências humanas, ensino religioso e diversidade sociocultural**. Secretaria de Educação e Cultura/ Gerência Executiva de Educação Infantil e Ensino Fundamental. João Pessoa: SEC/ Grafset, 2010.

GUIMARÃES, Iara Vieira. Os artefatos midiáticos, a pesquisa e o ensino de Geografia. In: ALBURQUERQUE, M. A. M. de; FERREIRA, J. A. de Sousa (org's). **Formação, pesquisa e práticas docentes: reformas Curriculares em questão**. João Pessoa, Editora Mídia, 2003.

KAERCHER, Nestor André. Geografizando o jornal e outros cotidianos: Práticas em Geografia para além do livro didático. In: CASTROGIOVANNI, A.C. (org). **Ensino de Geografia: Práticas e contextualizações no cotidiano**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

KAERCHER, N.A. O gato comeu a Geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de Geografia. In: PONTUSCHKA, N.N; OLIVEIRA, O. (orgs). **Geografia em perspectivas**. São Paulo: Contexto, 2002.

KANASHIRO, Cintia Shukusava. **Livro didático de Geografia-PNLD, materialidade e uso na sala de aula**. Dissertação (Mestrado) Universidades de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-07052009-155915/publico/657646.pdf>> Acesso em Setembro de 2015.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LEÃO, Vicente de Paula; LEÃO, Inês Aparecida de Carvalho. **Ensino de Geografia e Mídia: Linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. As Novas Tecnologias da Comunicação e Informação, a Escola e os Professores. In: **Adeus professor, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente**. 10° ed. São Paulo: Cortez, 2007.p. 54-70.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. O livro didático na política de currículo para o ensino médio. In: **Políticas de integração curricular**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008. P.151-159.

MARCONDES, Filho Ciro. Jornalismo fim-de- sciècle. São Paulo: Editora Scritta, 1993. In: LEÃO, Vicente de Paula; LEÃO, Inês Aparecida de Carvalho. **Ensino de Geografia e Mídia: Linguagens e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Isabel. **Analizando livros didáticos na perspectiva dos estudos do discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa**. Pro-posições, v.17,n.1(47)-Jan/Abr.2006. Disponível em: <[http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/49\\_dossie\\_martinsi.pdf](http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/textos/49_dossie_martinsi.pdf)>. Acesso em Setembro de 2015.

MELO, E. C. L. de, *et al.* **Geografia**. Disponível em: <[http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218\\_ens\\_fund\\_dir\\_geografia.pdf](http://www.vitoria.es.gov.br/arquivos/20100218_ens_fund_dir_geografia.pdf)>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2016.

PAVINI, C. (org). **Jornal: informação e ação**. 2ª ed Campina, São Paulo: Papyrus, 2002.

PELTZER, Gonzalo. **Jornalismo iconográfico**. Lisboa: Planeta, 1991. In: PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história**. Bocc, 2007. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em outubro de 2015.

PERLES, João Batista. **Comunicação: conceitos, fundamentos e história**. Bocc, 2007. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/perles-joao-comunicacao-conceitos-fundamentos-historia.pdf>>. Acesso em outubro de 2015.

PINHEIRO, E.A. et.al. O Nordeste brasileiro nas músicas de Luiz Gonzaga. **Caderno de Geografia**. Belo Horizonte, v.14, nº 23, 2º Setembro, 2004, p.103-111.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoro Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

SAMPAIO, Marisa Narcízo; LEITE, Lígia Silva. Professor e tecnologia. In: **Alfabetização tecnológica do professor**. 9ª ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SCHAFFER, Neiva Otero. **O livro didático desempenho pedagógico: anotações de apoio à escolha do livro texto**. Boletim Gaúcho de Geografia, 16: 03-16, Outubro, 1988. Disponível em : <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37977>> Acesso em Junho de 2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Bento. A inserção das tecnologias de informação no currículo-repercussões e exigências na profissionalização docente. In: MOREIRA, Antônio; MACEDO, Elizabeth (org) **Currículo, práticas pedagógicas e identidades**. Porto Editora, 2002.

SILVA, Jeane Medeiros. O livro didático no contexto brasileiro: as condições constitutivas de sua produção e a questão ideológica. **In: A constituição de sentidos políticos em livros didáticos de Geografia na ótica da análise do discurso.** Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006, p. 34-70.

SILVA, Meire Cristina da. **A mídia impressa no ensino de Geografia: Um diálogo entre abordagens jornalísticas e conteúdos geográficos.** In: **Anais.** Congresso Brasileiro de Geógrafos. Universidade Estadual de Londrina. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=2060>>. Acesso em Outubro de 2015.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

## APÊNDICE



Universidade Federal  
de Campina Grande

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)**  
**CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES (CFP)**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA (UNAGEO)**  
**DISCIPLINA: TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)**

**QUESTIONÁRIO PARA ALUNOS**

Prezado (a) aluno (a),

O referido questionário tem como objetivo, coletar dados e informações sobre a utilização dos recursos midiáticos em sala de aula e sua respectiva importância para o ensino de Geografia, bem como a percepção dos alunos em relação ao uso das ferramentas midiáticas dentro e fora do espaço escolar. Este questionário é parte de uma pesquisa para o meu trabalho monográfico e gostaria de receber sua colaboração no preenchimento do mesmo, comprometemo-nos a não divulgar o nome dos participantes.

**1.0 ELEMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO**

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

1.1 ( ) Feminino ( ) Masculino

Idade: \_\_\_\_\_

**QUESTIONÁRIO**

1. Qual seu entendimento sobre mídia?

---



---



---

2. Quais os tipos de mídia que você mais utiliza no seu cotidiano?

- ( ) Televisão
- ( ) Rádio
- ( ) Jornal
- ( ) Internet
- ( ) Revista

- Vídeo
- Outros

Se respondeu **OUTROS**, quais?

---

---

**3.** Com relação a 2ª questão, com que frequência você utiliza essas mídias?

---

---

---

**4.** Qual tipo de ferramenta midiática você mais gosta?

- Televisão
- Rádio
- Jornal
- Internet
- Revista
- Outros

**5.** Quais os recursos midiáticos utilizados pelos seus professores em sala de aula?

- Televisão
- Rádio
- Vídeo
- Jornal
- Internet
- Revista
- Outros

**6.** Nas aulas de geografia quais os recursos de ensino mais utilizados?

- Televisão
- Rádio
- Vídeo
- Jornal
- Internet
- Revista
- Livro
- Outros



7. Qual a frequência com que é utilizado esses recursos nas aulas de geografia?

---

---

---

---

8. Que recursos midiáticos você gostaria que fossem utilizados com mais frequência nas aulas de geografia?

---

---

---

9. Você já leu algum jornal?

( ) Sim

( ) Não

10. Qual sua opinião com relação ao jornal impresso?

---

---

---

---

11. O jornal impresso já foi utilizado como recurso de ensino nas aulas de geografia ou de outras disciplinas? Se já foi, em qual ou quais disciplina?

---

---

---

---

12. Se sua resposta anterior foi **SIM**, responda:

a) Como foi essa experiência?

---

---

---

b) Você gostou? Por que?

---

---

---

**13.** Você gostaria de trabalhar com o jornal impresso nas aulas de geografia? Por que?

---

---

---

**14.** Como o jornal impresso pode contribuir para a construção de conhecimentos geográficos?

---

---

---

---

**15.** Para você é importante a utilização do jornal como recurso de ensino?

---

---

---

---

**16.** Quais os jornais impressos do estado da Paraíba que você conhece?

---

---

---